

sem medo do destino

Nora Roberts

Tradução de Isabel C. Penteado

*Para a minha mãe,
a quem agradeço pelo encorajamento para contar esta história*

1 .

QUINZE DE AGOSTO ERA MAIS um dia de suor e céu enublado. Não havia nuvens brancas e fofas, nem brisas refrescantes, apenas uma parede de humidade tão densa que quase se conseguia nadar dentro dela.

Os noticiários das seis e das onze horas prometiam sombriamente que o pior estava para vir. Nos longos dias ociosos de final de verão, a onda de calor, que ia já na sua segunda semana impiedosa, era o assunto mais importante em Washington, D.C.

O senado tinha encerrado funções até setembro, por isso a Colina do Capitólio apresentava muito pouco movimento. Sem a azáfama diária dos políticos, Washington era uma cidade de turistas e vendedores ambulantes. Em frente do Smithsonian, um mimo atuava para uma multidão pegajosa que tinha parado mais para recuperar o fôlego do que para apreciar a arte. Bonitos vestidos de verão pendiam murchamente e crianças choramingavam por gelados.

Jovens e velhos reuniam-se no Rock Creek Park, usando as sombras e a água como defesa contra o calor. Refrigerantes e limonada eram consumidos aos litros; cerveja e vinho eram bebidos na mesma quantidade, mas menos conspicuamente. As garrafas tinham uma habilidade para desaparecerem quando a polícia do parque passava. Nos piqueniques e churrascos, as pessoas limpavam o suor, queimavam

cachorros-quentes e vigiavam bebês de fralda que se passeavam sobre a relva. Mães gritavam aos filhos para se afastarem da água, para não correrem perto da estrada, para pousarem um pau, ou uma pedra. A música dos rádios portáteis era, como habitualmente, alta e desafiadora; os DJ chamavam-lhes faixas escaldantes e anunciavam temperaturas perto dos quarenta graus.

Pequenos grupos de estudantes juntavam-se, alguns sentados nas rochas acima da enseada para discutirem o destino do mundo, outros estendidos na relva, mais interessados no destino dos seus bronzeados. Os que tinham tempo e gasolina, haviam ido para a praia ou para as montanhas. Alguns estudantes universitários tinham ainda energia para lançarem discos voadores, os rapazes envergando apenas calções para exibirem os seus torsos uniformemente bronzeados.

Uma bonita artista jovem estava sentada debaixo de uma árvore a desenhar despreocupadamente. Após várias tentativas para atrair a atenção dela para os bíceps que andava a trabalhar há seis meses, um dos jogadores fez um lançamento bastante óbvio. O disco voador aterrou no colo dela com um chape. Quando ela levantou os olhos com irritação, ele aproximou-se a correr. O sorriso dele era apologético e, esperava ele, calculado para deslumbrar.

— Desculpa. Escapou-me.

Depois de desviar uma madeixa de cabelo escuro para trás do ombro, a artista devolveu-lhe o disco voador. — Não tem importância. — Depois voltou ao desenho sem lhe dirigir um segundo olhar.

A juventude é, acima de tudo, tenaz. Ele agachou-se ao lado dela e observou-a atentamente a desenhar. O que ele sabia sobre arte não encheria um copinho de *shot*, mas valia a pena tentar. — Eh, isso é mesmo bom. Onde andas a estudar?

Reconhecendo o truque, ela começou a empurrá-lo, mas levantou os olhos por tempo suficiente para reparar no sorriso dele. Ele podia ser óbvio, mas era também engraçadinho. — Georgetown.

— A sério?! Eu também. Em preparação para o curso de Direito.

Impaciente, o colega gritou-lhe: — Rod! Vamos beber uma cerveja, ou não?

— Costumas vir para aqui? — perguntou Rod, ignorando o amigo. A artista tinha os maiores olhos castanhos que ele já vira.

— De vez em quando.

— E se nós...

— Rod, vá lá! Vamos à cerveja.

Rod olhou para o amigo suado e ligeiramente obeso e de novo para os frios olhos castanhos da artista. Não havia comparação. — Encontramo-nos mais tarde, Pete! — gritou ele, lançando de seguida o disco voador num elevado arco descuidado.

— Já acabaste de jogar? — perguntou a artista, observando o voo do disco.

Ele sorriu abertamente e tocou nas pontas do cabelo. — Depende.

A praguejar, Pete começou a correr atrás do disco. Tinha acabado de pagar seis dólares por ele. Depois de quase tropeçar num cão, desceu atrapalhadamente uma encosta na esperança de que o disco voador não aterrasse na enseada. Tinha pago muito mais pelas sandálias de couro. O disco voou em círculos em direção ao mar, fazendo-o dizer palavrões em voz alta, depois embateu numa árvore e acabou por cair nuns arbustos. A escorrer suor e a pensar na *Moosehead* que estava à sua espera, Pete abriu caminho por entre os ramos.

O coração parou-lhe por um instante e de seguida bombeou-lhe o sangue para a cabeça. Antes de conseguir ar suficiente para gritar, vomitou violentamente o almoço de *Fritos* e dois cachorros-quentes.

O disco voador tinha aterrado a meio metro da beira da enseada. Jazia novo, vermelho e alegre sobre uma mão fria e branca que parecia estar a devolver-lho.

A mão pertencia a Carla Johnson, uma estudante de arte dramática e empregada de mesa em part-time. Doze a quinze horas antes, tinha sido estrangulada com o amicto de um padre. Branco, debruado a ouro.

O DETETIVE BEN PARIS ESTAVA curvado sobre a sua mesa, depois de ter concluído o relatório escrito sobre o homicídio Johnson. Tinha datilografado os factos, usando dois dedos numa máquina de escrever antiga. Relembrava-os agora. Não tinha havido abuso sexual, nem roubo aparente. A carteira fora encontrada debaixo do corpo, com vinte e três dólares e setenta e seis centavos e um cartão de crédito no interior. Um anel de opala, que poderia ter sido empenhado por cerca de cinquenta dólares, estava ainda no dedo. Não havia motivo, não havia suspeitos. Nada.

Ben e o parceiro tinham passado a tarde a entrevistar a família da vítima. Uma tarefa desagradável, pensou. Necessária, mas desagradável.

Tinham arrancado sempre as mesmas respostas. Carla queria ser atriz. A sua vida tinham sido os estudos. Tinha saído com alguns rapazes, mas nada de sério; estivera demasiado dedicada a uma ambição que acabaria por nunca concretizar.

Ben passou de novo os olhos pelo relatório e fixou-os na arma do crime. A sobreveste do padre. Tinham encontrado um bilhete preso ao pano branco. Ele próprio, horas antes, havia-se ajoelhado ao lado da rapariga para o ler.

Está absolvida dos seus pecados.

— Ámen — murmurou Ben, e soltou um longo suspiro.

PASSAVA DA UMA DA MANHÃ da segunda semana de setembro quando Barbara Clayton atravessou o relvado da Catedral de Washington. A temperatura apresentava-se amena, as estrelas brilhantes, mas ela não estava com disposição para apreciar essas coisas. Enquanto caminhava, resmungava mal-humoradamente. Na manhã seguinte ia dar um puxão de orelhas ao mecânico cara-de-fuinha. Tinha reparado a transmissão, que estava como nova. Que traste! Ainda bem que ela só tinha de percorrer mais dois quarteirões a pé. Agora ia ter de apanhar o autocarro para o trabalho. O horrroso e gorduroso filho da mãe ia pagá-las. Uma estrela cadente explodiu e deixou no céu um rasto em forma de arco brilhante. Ela nem sequer reparou.

Nem o homem que a observava. Ele sabia que ela viria. Não lhe tinham dito para montar guarda? Não estava a sua cabeça, naquele preciso momento, quase a rebentar devido à pressão da Voz? Ele tinha sido escolhido, tinha recebido o fardo e a glória.

— *Dominus vobiscum* — murmurou ele, apertando com força nas mãos o tecido suave do amicto.

E quando concluiu a sua missão, sentiu a exaltação do poder. O seu baixo-ventre parecia explodir. O sangue zunia. Ele estava purificado. E agora, ela também. Lenta e delicadamente, passou com o polegar pela testa, pelos lábios e pelo coração dela, desenhando o sinal da cruz. Deu-lhe absolvição, mas rapidamente. A Voz tinha-o avisado de que muitos não compreenderiam a pureza do trabalho que ele realizava.

Deixou o corpo da rapariga nas sombras e prosseguiu o seu caminho com os olhos brilhantes de lágrimas de alegria e loucura.

— A IMPRENSA NÃO NOS LARGA por causa deste caso. — O Comandante Harris bateu com um punho no jornal aberto sobre a sua mesa. — Toda a cidade está em pânico. Quando eu descobrir quem passou a informação sobre o padre para a imprensa...

Calou-se e ficou pensativo. Não era frequente ficar tão perto de perder o controlo. Podia passar o dia sentado a uma secretária, mas era um agente de polícia, e dos bons, pensou para com os seus botões. Um bom agente não se descontrolava. Para ganhar algum tempo, dobrou o jornal e deixou o olhar deambular pelos outros agentes presentes na sala. Agentes de excelência, admitiu Harris. Não teria admitido menos que isso.

Ben Paris estava sentado ao canto da mesa, a brincar com um pisa-papéis de acrílico. Harris conhecia-o suficientemente bem para compreender que Ben gostava de ter alguma coisa nas mãos quando estava a pensar. Jovem, mas com dez anos de experiência na polícia, refletiu Harris. Um agente competente, se bem que um pouco desleixado com as normas. As duas menções elogiosas por ato de coragem tinham sido bem merecidas. Quando as coisas estavam menos tensas, Harris até achava piada ao facto de Ben parecer a versão escrita de Hollywood de um agente secreto: rosto fino, ossatura forte, moreno e musculado. O cabelo dele era farto e demasiado comprido para ser convencional, mas era cortado num dos pequenos salões de luxo de Georgetown. Tinha olhos verdes-claros que não deixavam escapar o que era importante.

Numa cadeira, e noventa centímetros de pernas estendidas à sua frente, estava Ed Jackson, parceiro de Ben. Com um metro e noventa e oito de altura e cento e dez quilos de peso, conseguia habitualmente intimidar um suspeito só com a sua presença. Quer por capricho, ou por estilo, usava uma barba densa tão ruiva como a guedelha aos caracóis. Os olhos eram azuis e simpáticos. Com o seu revólver calibre 38, era capaz de acertar na águia de uma moeda de vinte e cinco centavos a quarenta e cinco metros de distância.

Harris pôs o jornal de lado, mas não se sentou. — Que tens para mim?

Ben lançou o pisa-papéis de uma mão para a outra antes de o pouso. — Para além da constituição física e da cor da pele, não há ligação entre as duas vítimas. Não tinham amigos em comum, não frequentavam os

mesmos lugares. Tens uma ideia geral sobre a Carla Johnson. A Barbara Clayton trabalhava numa boutique, era divorciada e não tinha filhos. A família vive em Maryland, são operários fabris. Ela namorou com alguém até há três meses. A coisa esmoreceu, ele mudou-se para Los Angeles. Estamos a investigá-lo, mas parece não haver nada a registar.

Tirou um cigarro do bolso e reparou no olhar do parceiro.

— É o sexto — disse Ed com descontracção. — O Ben está a tentar fumar menos de um maço por dia — explicou ele, continuando depois ele próprio com o relatório. — Barbara Clayton passou a noite num bar em Wisconsin. Uma espécie de programa só para mulheres, com uma amiga que trabalhava com ela. A amiga diz que ela saiu por volta da uma. O carro dela foi encontrado avariado a alguns quarteirões do local do crime. Parece que ela andava a ter problemas com a transmissão. Aparentemente, decidiu fazer o resto do caminho a pé. O apartamento dela fica apenas a cerca de um quilómetro e meio de distância.

— As únicas coisas que as vítimas tinham em comum era o facto de serem ambas louras e do sexo feminino. — Ben aspirou profundamente o fumo, deixou-o encher-lhe os pulmões e depois libertou-o. — Agora estão mortas.

Nesta jurisdição, pensou Harris, levando a coisa a peito. — A arma do crime é o lenço do padre.

— Amicto — corrigiu Ben. — Não parecia muito difícil identificarmos a origem. O nosso sujeito usa a melhor... seda.

— Ele não o arranjou na cidade — continuou Ed. — Pelo menos, não no último ano. Verificámos todas as lojas de artigos religiosos e todas as igrejas. Obtive informações sobre três lojas em Nova Inglaterra que vendem aquele tipo.

— Os bilhetes foram escritos em papel disponível em qualquer loja banal — acrescentou Ben. — Não há como saber onde o obteve.

— Por outras palavras, vocês não têm nada.

— Por quaisquer palavras, — Ben sorveu mais fumo, — não temos nada.

Harris estudou cada um dos homens em silêncio. Podia preferir que Ben usasse gravata, ou que Ed aparasse a barba, mas essa era uma questão de gosto pessoal. Eram os seus melhores homens. Paris, com o charme descontraido e a despreocupação aparente, tinha os instintos de uma raposa e a mente tão afiada como um punhal. Jackson era tão meticuloso e eficiente

como uma tia solteirona. Para ele, um caso era como um puzzle e nunca se cansava de tentar encaixar as peças.

Harris inalou o fumo do cigarro de Ben e depois lembrou a si mesmo que tinha deixado de fumar para o seu próprio bem. — Voltem lá e falem de novo com toda a gente. Façam um relatório sobre o antigo namorado da Barbara Clayton e as listas de clientes das lojas de artigos religiosos. — Olhou novamente de relance para o jornal. — Quero apanhar este tipo.

— O Padre — murmurou Ben ao ler a manchete. — A imprensa gosta sempre de dar títulos aos psicopatas.

— E muita cobertura — acrescentou Harris. — Vamos tirá-lo das manchetes e pô-lo atrás das grades.

COM A MENTE UM POUCO nublosa depois de uma longa noite a tratar de papelada, a Dra. Teresa Court bebericava café e folheava o *Post*. Uma semana inteira depois do segundo assassinato e o Padre, como a imprensa o denominava, continuava à solta. Ela não pensava que ler acerca dele fosse a melhor maneira de começar o dia, mas ele interessava-lhe do ponto de vista profissional. Ela não era indiferente à morte de duas jovens, mas tinha sido treinada para olhar para os factos e fazer o diagnóstico. A sua vida tinha sido dedicada a isso.

Profissionalmente, a sua vida era invadida por problemas, dor, frustrações. Para compensar, ela mantinha o seu mundo privado organizado e simples. Como tinha crescido com o amparo do dinheiro e da educação, via a gravura de Matisse pendurada na parede e o cristal *Baccarat* em cima da mesa como uma coisa natural. Preferia linhas simples e tons pastel, mas de vez em quando sentia-se atraída por algo dissonante, como o óleo abstrato em pinceladas vívidas e cores berrantes por cima da sua mesa. Ela compreendia a necessidade que tinha do agreste, tanto quanto do suave, e estava satisfeita. Uma das suas principais prioridades era manter-se satisfeita.

Como o café já estava frio, ela desviou-o para o lado. Um instante depois, desviou também o jornal. Quem lhe dera saber mais sobre o assassino e as vítimas, ter todos os pormenores. Depois lembrou-se do velho ditado que diz para se ter cuidado com o que se deseja, porque se pode consegui-lo. Olhou de relance para o relógio e levantou-se da mesa. Não tinha tempo para matutar sobre um artigo de jornal. Tinha pacientes para receber.

...

AS CIDADES A LESTE ENCONTRAM o auge do seu esplendor no outono. O verão assa-as, o inverno deixa-as atoladas e sujas, mas o outono dá-lhes uma explosão de cor e dignidade.

Às duas horas da manhã de um dia frio de outubro, Ben Paris despertou subitamente. Não valia de nada perguntar-se o que lhe teria perturbado o sono e o interessante sonho envolvendo três louras. Levantou-se nu da cama, avançou calmamente até à cómoda e procurou os cigarros às apalpadelas. Vinte e dois, contou em silêncio.

Acendeu um, deixando o familiar sabor amargo preencher-lhe a boca antes de se dirigir para a cozinha para fazer café. Acendeu apenas a lâmpada fluorescente acima do fogão e manteve-se atento às baratas. Nada deslizou para dentro das fendas. Ben ligou o lume debaixo da cafeteira e pensou que a última exterminação ainda estava a surtir efeito. Quando estendeu a mão para pegar numa chávena, desviou a correspondência de dois dias que estava ainda por abrir.

Sob a áspera luz da cozinha, o seu rosto tinha um aspeto duro, até perigoso. Mas, também, ele estava a pensar em homicídio. O seu corpo nu era flexível e esguio, com uma magreza que poderia ter um aspeto doentio, não fossem as subtis elevações dos músculos.

O café não iria mantê-lo acordado. Quando a mente estivesse pronta para descansar, o seu corpo faria simplesmente o mesmo. Tinha-se treinado para isso em inúmeras operações de vigilância.

Uma esquelética gata cinzenta-escura saltou para cima da mesa e fitou-o enquanto ele bebericava e fumava. Ao reparar que ele estava distraído, a gata desistiu da ideia de um pires de leite tardio e sentou-se a lavar-se.

Estavam tão perto de encontrar o assassino como na tarde em que o primeiro corpo tinha sido descoberto. Se haviam encontrado alguma coisa remotamente semelhante a uma pista, esta tinha-se evaporado depois do trabalho de investigação no terreno. Beco sem saída, refletiu Ben. Zero. Nada.

Claro que tinham tido cinco confissões num só mês. Todas de mentes perturbadas que ansiavam por atenção. Vinte e seis dias passados sobre o segundo homicídio e não tinham chegado a lado nenhum. E, a cada dia que passava, ele sabia que o rasto ficava cada vez mais frio. À medida que a imprensa perdia o interesse, as pessoas começavam a relaxar. Ele não gostava disso. Acendendo um cigarro na ponta do outro, Ben pensava em calma

antes da tempestade. Olhou para a noite fria iluminada por uma meia-lua, absorto em pensamentos.

O DOUG'S FICAVA APENAS A oito quilómetros do apartamento de Ben. O pequeno clube noturno estava agora escuro. Os músicos já se tinham ido embora e as bebidas entornadas haviam sido limpas. Francie Bowers saiu pela porta das traseiras e vestiu uma camisola. Os pés doíam-lhe. Depois de seis horas em cima de uns saltos de dez centímetros, os dedos dos pés estavam com câibras dentro dos ténis. Ainda assim, as gorjetas tinham valido a pena. O trabalho como empregada de bar podia obrigá-la a estar de pé, mas quando se tinha boas pernas — e ela tinha —, as gorjetas abundavam.

Mais algumas noites como aquela e talvez conseguisse dar entrada para o pequeno VW, refletiu. Acabavam-se as confusões no autocarro. Para si, seria o paraíso.

Sentiu uma pontada de dor na planta do pé. Estremecendo, Francie olhou para o beco. Por ali atalhava o caminho em cerca de meio quilómetro. Mas estava escuro. Deu mais dois passos em direção à rua iluminada e desistiu. Escuro, ou não, ela não ia dar mais um passo do que o necessário.

Ele tinha estado bastante tempo à espera. Mas tinha a certeza. A Voz dissera que um dos perdidos ia ser-lhe enviado. Ela aproximava-se rapidamente, como se estivesse ansiosa pela salvação. Há dias que ela rezava por ela, pela purificação da sua alma. Agora estava a chegar a hora do perdão. Ele era apenas um instrumento.

O turbilhão começou na sua cabeça e espalhou-se pelo seu corpo. O poder apoderou-se dele. Nas sombras, rezou até ela se aproximar.

Foi rápido, bem como misericordioso. Quando enrolou o amicto à volta do pescoço dela, ela teve apenas um instante para arfar antes de ele o apertar com força. Ela soltou um pequeno gemido quando o ar lhe foi cortado. Invasa pelo terror, ela deixou cair o saco de lona e agarrou-se ao amicto com ambas as mãos.

Por vezes, quando o seu poder era grandioso, ele podia deixá-las ir rapidamente. Mas o mal que havia dentro dela era forte e desafiava-o. Os dedos dela puxaram a seda e de seguida cravaram-se com força nas luvas que ele usava. Quando ela tentou afastar-se com pontapés, ele levantou-a do chão, mas ela continuou a espernear. Um dos pés bateu numa lata e projetou-a ruidosamente. O barulho ecoou dentro da cabeça dele até ele quase gritar.

Então o corpo dela amoleceu e as lágrimas no rosto dele secaram com o ar outonal. Ele pousou-a delicadamente no asfalto e absolveu-a na língua antiga. Depois de prender o bilhete na camisola dela, abençoou-a.

Ela estava em paz. E, por agora, ele também.

— NÃO HÁ RAZÃO NENHUMA PARA nos matares com a pressa de lá chegares. — O tom de voz de Ed era calmo quando Ben fez a curva com o *Mustang* a oitenta quilómetros por hora. — Ela já está morta.

Ben reduziu a velocidade e virou à direita. — Foste tu quem destruiu o último carro. O *meu* último carro — acrescentou sem demasiada malícia. — Ainda só tinha feito cento e vinte mil quilómetros.

— Perseguição a alta velocidade — balbuciou Ed.

O *Mustang* trepidou ao passar por cima de uma elevação, lembrando Ben de que era sua intenção verificar os amortecedores.

— E não te matei.

— Contusões e cortes. — Depois de passar por um sinal amarelo, Ben meteu a terceira. — Contusões e cortes múltiplos.

Ed sorriu ao recordar. — Apanhámo-los, não apanhámos?

— Estavam inconscientes. — Ben travou repentinamente junto à bermagem e enfiou as chaves no bolso. — E eu precisei de cinco pontos no braço.

— Resmungão, resmungão, resmungão. — Com um bocejo, Ed saiu do carro para o passeio.

Era quase madrugada e estava suficientemente frio para uma pessoa conseguir ver a própria respiração, mas já se formava um ajuntamento. Encolhido dentro do casaco, e desejoso por um café, Ben abriu caminho por entre os curiosos até ao beco interditado com faixas da polícia.

— Intrigante. — Anuindo com a cabeça para o fotógrafo policial, Ben olhou para a vítima número três.

Ele calculava que ela tivesse uns vinte e seis, vinte e oito anos. A camisola era de poliéster barato, e as solas dos ténis estavam bastante desgastadas. Usava uns brincos pendentes banhados a ouro. O rosto era uma máscara de maquilhagem que não combinava com a camisola e as calças de bombazina baratas.

Acendeu o seu segundo cigarro do dia enquanto ouvia o relato do agente policial uniformizado ao seu lado.

— Um vagabundo encontrou-a. Nós enfiámo-lo num carro-patrolha para ele recuperar a sobriedade. Parece que andava a vasculhar lixo quando

se deparou com ela. Ficou apavorado, por isso saiu do beco a correr e quase entrou diretamente no meu carro.

Ben anuiu com a cabeça enquanto observava o bilhete de caligrafia cuidada preso à camisola. Frustração e fúria percorreram-no tão rapidamente que quando a aceitação se instalou, mal foram notadas. Ed baixou-se e pegou no grande saco de lona que ela tinha deixado cair. Uma mão-cheia de bilhetes de autocarro saltou do interior.

Ia ser um dia longo.

SEIS HORAS DEPOIS, ENTRARAM NA esquadra. O Departamento de Homicídios não tinha o mesmo *glamour* sórdido do de combate ao jogo, prostituição e narcóticos, mas era quase tão limpo e arrumado como as esquadras dos subúrbios. Dois anos antes, as paredes tinham sido pintadas num tom que Ben chamava de bege de apartamento. Os ladrilhos que cobriam o chão transpiravam no verão e retinham o frio no inverno. Independentemente do quão diligentes fossem os serviços de limpeza, com desinfetantes e panos de pó, as salas cheiravam continuamente a fumo, a borras de café molhadas e a suor. Era verdade que tinham juntado dinheiro na primavera e encarregado um dos detetives de comprar algumas plantas para colocar nos parapeitos das janelas. Estas não estavam a morrer, mas também não floresciam.

Ben passou por uma secretária e anuiu com a cabeça para o detetive Lou Roderick, que estava a datilografar um relatório. Aquele era um agente que encarava com perseverança os seus casos, como um contabilista encara os impostos sobre sociedades.

— O Harris quer falar contigo — disse-lhe Lou e, sem erguer os olhos, conseguiu transmitir alguma solidariedade. — Acabou de chegar de uma reunião com o presidente da Câmara. E parece-me que a Lowenstein tem um recado para ti.

— Obrigado. — Ben olhou para a barra de *Snickers* sobre a mesa de Roderick. — Eh, Lou...

— Esquece. — Roderick continuou a datilografar o seu relatório sem quebrar o ritmo.

— Que rica irmandade esta... — resmungou Ben, e dirigiu-se à mesa de Lowenstein.

Ela era completamente diferente de Roderick, refletiu Ben. Trabalhava por vagas, para e arranca, e sentia-se mais confortável nas ruas do que

sentada à frente de uma máquina de escrever. Ben respeitava a precisão de Lou, mas teria preferido Lowenstein como parceira, cujos fatos adequados e vestidos elegantes não escondiam o facto de ter as melhores pernas do departamento. Ben olhou de relance para elas antes de se sentar no canto da secretária dela. Era uma pena ser casada, pensou.

Remexeu indolentemente na papelada dela enquanto esperava que ela terminasse o telefonema. — Como vai isso, Lowenstein?

— O triturador de lixo da pia da cozinha está a expelir tudo para cima e o canalizador está a pedir trezentos dólares, mas não tem importância porque o meu marido vai repará-lo. — Enfiou um formulário na máquina de escrever. — Assim só nos irá custar o dobro. E tu? — Com uma palmada, afastou a mão dele da *Pepsi* que estava em cima da mesa. — Alguma novidade sobre o nosso padre?

— Só um cadáver. — Se havia mordacidade, era difícil de detetar. — Alguma vez foste ao Doug's, lá em baixo, perto do Canal?

— Não tenho a tua vida social, Paris.

Ele bufou rapidamente e depois pegou numa caneca larga que continha os lápis dela. — Ela trabalhava lá como empregada de bar. Tinha vinte e sete anos.

— Não te vale de nada deixares-te perturbar com isso — murmurou ela e, quando viu a cara dele, passou-lhe a *Pepsi*. Uma pessoa ficava sempre perturbada. — O Harris quer falar contigo e com o Ed.

— Pois, eu sei. — Bebeu um longo gole, deixando o açúcar e a cafeína inundarem-lhe o organismo. — Tens um recado para mim?

— Tenho, sim. — Com um sorriso afetado, ela vasculhou os papéis até o encontrar. — A Bunny telefonou. — Como a voz aguda e aspirada que fez não suscitou qualquer reação da parte dele, lançou-lhe um olhar malicioso e entregou-lhe o papel. — Ela quer saber a que horas vais buscá-la. Ela pareceu-me muito querida, Paris.

Ele guardou o papel no bolso e sorriu com ironia. — Ela é realmente querida, Lowenstein, mas eu deixava-a, num piscar de olhos, se quisesse trair o teu marido.

Quando ele saiu sem lhe devolver a bebida, ela riu-se e continuou a datilografar o formulário.

— Vão transformar o meu apartamento em condomínio privado. — Ed desligou o telefone e dirigiu-se com Ben para o gabinete de Harris. — Cinquenta mil. Meu Deus!

— Tem má canalização. — Ben bebeu o resto da *Pepsi* e atirou a lata para dentro de um cesto de lixo.

— Pois. Tens alguma vaga em tua casa?

— Ninguém sai de lá, a não ser morto.

Através da ampla janela de vidro do gabinete de Harris, viram o comandante de pé, junto à mesa, a falar ao telefone. Estava em boa forma, para um homem de cinquenta e sete anos que tinha passado os últimos dez atrás de uma secretária. Tinha demasiada força de vontade para se deixar engordar. O primeiro casamento sucumbira por causa da profissão, o segundo por causa da bebida. Harris tinha desistido da bebida e do casamento, e agora a profissão ocupava o lugar de ambos. Os agentes do seu departamento não gostavam necessariamente dele, mas respeitavam-no. Harris preferia que assim fosse. Levantou os olhos e fez sinal para que ambos os homens se sentassem.

— Quero os resultados laboratoriais antes das cinco. Se havia um pedaço de fio na camisola dela, eu quero saber de onde veio. Façam o vosso trabalho. Deem-me algo com que trabalhar para eu poder fazer o meu. — Quando desligou, dirigiu-se à cafeteira e serviu-se de um café. Cinco anos depois ele continuava a ansiar que fosse whisky. — Digam-me tudo o que sabem sobre a Francie Bowers.

— Ela andava a servir às mesas no Doug's há praticamente um ano. Mudou-se da Virgínia para D.C. em novembro passado. Vivia sozinha num apartamento no Noroeste da cidade. — Ed mudou o pé de apoio e verificou o caderno de apontamentos. — Casou-se duas vezes, nenhuma das quais durou mais de um ano. Estamos a investigar os dois ex-maridos. Trabalhava de noite e dormia durante o dia, por isso os vizinhos não sabem muito acerca dela. Saiu do emprego à uma. Segundo parece, atalhou pelo beco a caminho da paragem do autocarro. Não tinha carro.

— Ninguém ouviu nada — acrescentou Ben. — Nem viu nada.

— Perguntem novamente — disse simplesmente Harris. — E descubram alguém que tenha ouvido, ou visto alguma coisa. Alguma novidade sobre a número um?

Ben não gostava de tratar as vítimas por números e enfiou as mãos nos bolsos. — O namorado da Carla Johnson está em Los Angeles. Fez um pequeno papel numa telenovela. Não há nada a registar. Parece que ela tinha tido uma discussão com um outro estudante na véspera do dia em que foi assassinada. As testemunhas dizem que os ânimos estavam bastante exaltados.

— Ele admitiu — continuou Ed. — Parece que tinham saído alguma vez e que ela não estava interessada.

— Álibi?

— Afirma que se embebedou e que foi para a cama com uma ca-loira. — Encolhendo os ombros, Ben sentou-se no braço de uma cadeira. — Estão noivos. Podemos chamá-lo outra vez para prestar depoimento, mas nenhum de nós acredita que ele esteja envolvido. Não tem qualquer ligação com a Barbara Clayton, nem com a Francie Bowers. Quando o in-vestigámos, descobrimos que o miúdo é um típico estudante americano de uma família de classe média-alta. Especialista em atletismo de pista. É mais provável que o Ed seja um psicótico, do que aquele estudante universitário.

— Obrigado, parceiro.

— Bem, de qualquer modo, investiguem-no outra vez. Como se cha-ma ele?

— Robert Lawrence Dors. Tem um *Honda Civic* e veste polos. — Ben tirou um cigarro do bolso. — Sapatos de vela brancos, sem meias.

— O Roderick vai buscá-lo.

— Espera aí...

— Vou destacar um grupo de trabalho para este caso — disse Har-ris, interrompendo Ben. Serviu-se de uma segunda chávena de café. — O Roderick, a Lowenstein e o Bigsby vão trabalhar convosco. Quero apanhar este tipo antes que ele mate mais uma mulher que por acaso esteja a cami-nhar sozinha. — A voz dele mantinha-se branda, sensata e determinada. — Tens algum problema com isso?

Ben dirigiu-se a passos largos para a janela e olhou para o exterior. Era pessoal, e ele sabia disso. — Não, todos nós queremos apanhá-lo.

— Incluindo o presidente da Câmara — acrescentou Harris com uma pequena ponta de mordacidade. — Ele quer poder dar algo de positivo à imprensa no final da semana. Vamos chamar uma psiquiatra para nos dar um perfil.

— Uma psiquiatra? — Com uma risadinha, Ben virou costas. — Ora, comandante.

Como Harris também não estava satisfeito com o assunto, a sua voz tornou-se fria. — A Dra. Court concordou em colaborar connosco, a pedi-do do presidente da Câmara. Não sabemos como ele é fisicamente, talvez esteja na hora de descobirmos como pensa. A esta altura dos aconteci-mentos, — acrescentou ele, olhando firmemente para os dois, — eu estava

disposto a olhar para uma bola de cristal, se só assim conseguíssemos obter alguma pista. Estejam cá às quatro.

Ben ia abrir a boca, mas reparou no olhar de alerta de Ed. Sem dizer palavra, retiraram-se a passos largos. — Talvez fosse melhor chamarmos um médium — resmungou Ben.

— Mente tacanha.

— Realista.

— A mente humana é um mistério fascinante.

— Andaste a ler outra vez.

— E os que são treinados para a compreender podem abrir portas que os leigos não conseguem.

Ben suspirou e atirou a ponta do cigarro para o chão do parque de estacionamento quando saíram do edifício. — Merda.

— MERDA — RESMUNGOU TESS quando olhou pela janela do seu gabinete. Havia duas coisas que não tinha vontade nenhuma de fazer naquele momento. A primeira era ter de enfrentar o trânsito com o frio e a chuva forte que tinha começado a cair. A segunda era envolver-se com os assassinatos que atormentavam a cidade. Ela ia ter de fazer a primeira porque o presidente da Câmara e o avô a tinham pressionado para fazer a segunda.

Ela tinha já muito trabalho em mãos. Podia ter recusado, educada ou até apologeticamente, o pedido do presidente da Câmara. O avô era outra história. Quando estava na presença dele, nunca se sentia a Dra. Tess Court. Cinco minutos depois, já não tinha um metro e sessenta e cinco, nem corpo de mulher, nem um diploma emoldurado a preto atrás de si. Era de novo uma menina magricela de doze anos de idade, dominada pela personalidade do homem que mais amava no mundo.

Ele tinha feito de tudo para ela conseguir o tal diploma emoldurado a preto, não tinha? Com a sua convicção, pensou ela, com o apoio e a enorme confiança que depositara nela. Como podia ela dizer não, quando ele lhe pedia para usar a sua perícia? Porque tratar dos casos que tinha atualmente em mãos a ocupava dez horas por dia. Talvez tivesse chegado a hora de deixar de ser teimosa e arranjar uma assistente.

Tess olhou para o gabinete, com as suas antiguidades e aguarelas cuidadosamente selecionadas. Era seu, pensou. Cada pedacinho. E olhou de relance para o alto arquivo em carvalho fabricado em 1920. Estava cheio

de dossiers com os seus casos clínicos. Eram seus também. Não, ela não ia arranjar nenhuma assistente. Daí por um ano completaria trinta anos de idade. Tinha os seus pacientes, o seu consultório e os seus problemas. E era assim que desejava continuar.

Tirou do armário a gabardina debruada a pelo e vestiu-a. Talvez pudesse ajudar a polícia a encontrar o homem que inundava as manchetes dia após dia. Podia ajudar a encontrá-lo e a detê-lo para, por sua vez, ele poder receber a ajuda de que precisava.

Pegou na mala e na pasta, que estava a transbordar de dossiers para serem analisados naquela noite. — Kate. — Ao sair para a receção, Tess levantou a gola. — Vou agora falar com o comandante Harris. Não me incomodes a não ser que seja alguma coisa urgente.

— Devia levar um gorro — disse a rececionista.

— Tenho um no carro. Até amanhã.

— Conduza com cuidado.

Já a pensar noutra coisa, atravessou a porta enquanto procurava as chaves do carro. Talvez pudesse ir buscar comida chinesa a caminho de casa e ter um jantar descansado antes...

— Tess!

Mais um passo e teria chegado ao interior do elevador. A resmungar baixinho, Tess virou-se e fez um sorriso forçado. — Frank. — E tinha conseguido tão bem evitá-lo durante quase dez dias.

— És difícil de apanhar.

Avançou a passos largos ao encontro dela. Impecável. Era essa a palavra que ocorria sempre a Tess quando via o Dr. F. R. Fuller. Imediatamente antes de chato. O fato dele era um *Brooks Brothers* cinzento-pérola e a gravata às riscas tinha laivos dessa cor e do rosa bebé da camisa *Arrow*. O cabelo estava perfeita e conservadoramente penteado. Ela esforçou-se bastante para o sorriso não lhe fugir. Não era culpa de Frank ela não simpatizar com a perfeição.

— Tenho andado ocupada.

— Sabes o que dizem: trabalhar sem descanso...

Ela cerrou os dentes para evitar dizer «não, o que dizem?». Ele limitar-se-ia a rir e a dizer o resto do cliché. — Vou ter de arriscar. — Premiu o botão para descer e esperou que o elevador chegasse rapidamente.

— Mas hoje estás a sair cedo.

— Tenho um compromisso fora. — Olhou propositadamente para o

relógio. Ainda tinha algum tempo. — Estou um bocado atrasada — mentiu sem hesitar.

— Tenho tentado falar contigo. — Frank apoiou a palma da mão na parede e inclinou-se sobre ela. Mais um dos hábitos dele que Tess detestava. — Não deveria ser difícil, já que os nossos consultórios ficam um ao lado do outro.

Onde diabo estava um elevador quando uma pessoa precisava dele? — Sabes como são os horários, Frank.

— De facto, sei. — Exibiu o sorriso de reclame a pasta de dentes e ela perguntou-se se ele pensaria que a sua água de colónia estaria a enlouquecê-la. — Mas todos nós precisamos de descansar de vez em quando, certo, doutora?

— À nossa maneira.

— Tenho bilhetes para a peça do Noël Coward no Kennedy Center amanhã à noite. E se relaxássemos juntos?

A última, e única vez, que ela tinha concordado em relaxar com ele, mal tinha conseguido escapar com roupa. Pior, antes do ataque ela tinha passado três horas insuportavelmente entediadas. — É simpático da tua parte pensares em mim, Frank. — Uma vez mais, ela mentiu sem hesitação. — Lamento, mas amanhã já tenho um compromisso.

— E se nós...

As portas abriram-se. — Ups, estou atrasada! — Dirigiu-lhe um sorriso alegre e entrou no elevador. — Não trabalhes de mais, Frank. Sabes como se costuma dizer.

Por causa da chuva torrencial e do trânsito, ela gastou praticamente todo o tempo de sobra que tinha na viagem de carro até à esquadra. Por estranho que parecesse, a batalha de meia hora deixou-a bastante animada. Provavelmente, pensou ela, por ter conseguido livrar-se tão facilmente de Frank. Se tivesse tido coragem, coisa que não tinha, ter-lhe-ia simplesmente dito que ele era um idiota e ponto final. Até ele abusar das investidas, ela iria recorrer a tática e desculpas.

Pegou num chapéu de feltro e enfiou-o na cabeça, prendendo o cabelo. Olhou-se no espelho retrovisor e franziu o nariz. Não lhe valia de nada ajeitar-se agora. A chuva estragaria tudo e seria uma perda de tempo. Contudo, decerto haveria uma casa de banho para senhoras no interior da esquadra, onde ela pudesse retocar-se e sair com um ar digno e profissional. Por enquanto, iria simplesmente aparecer molhada.

Tess abriu a porta do carro, agarrou no chapéu com uma mão e correu em direção ao edifício.

— Olha para aquilo. — Ben parou o parceiro a caminho da esquadra. Observaram, indiferentes à chuva, Tess saltar por cima de poças.

— Belas pernas — comentou Ed.

— Raios. São melhores que as da Lowenstein.

— Talvez. — Ed refletiu por um instante. — É difícil perceber com esta chuva.

Ainda a correr, de cabeça baixa, Tess subiu apressadamente os degraus e esbarrou contra Ben. Ele ouviu-a praguejar antes de a segurar pelos ombros e de a afastar o suficiente para olhar para o seu rosto.

Valia a pena a molha.

Elegante. Mesmo com a chuva a escorrer-lhe pela cara, Ben pensou em elegância. As maçãs do rosto eram bem vincadas, o suficiente para o fazer pensar em raparigas vikings. A boca, suave e molhada, fazia-o pensar noutras coisas. A pele era clara, com um suave tom róseo. Mas foram os olhos que o fizeram esquecer o comentário oco que tencionara verbalizar. Eram grandes, com uma expressão fria e ligeiramente irritada. E eram violetas. Ele pensara que a cor tinha sido reservada para Elizabeth Taylor e flores silvestres.

— Desculpe — disse finalmente Tess quando recuperou o fôlego. — Não o vi.

— Não. — Ele queria continuar a fitá-la, mas conseguiu controlar-se. Tinha a mítica reputação de mulherengo. Exagerada, mas baseada em factos. — À velocidade que vinha, não estou surpreendido. — Era uma sensação boa segurá-la, ver a chuva prender-se nas pestanas. — Eu podia detê-la por agressão a um agente da autoridade.

— A senhora está a molhar-se — murmurou Ed.

Até àquele momento, Tess só tinha reparado no homem que a segurava e a fitava como se ela tivesse aparecido do nada. Desviou então o olhar, levantou a cabeça e deparou-se com um gigante molhado de olhos azuis divertidos e uma juba de cabelo ruivo a pingar. Seria aquilo uma esquadra de polícia, ou um conto de fadas?

Ben manteve uma mão no braço dela enquanto abria a porta. Ia deixá-la entrar, mas não a ia deixar escapar. Não ainda.

Já no interior, Tess olhou de novo para Ed, decidiu que ele era real e virou-se para Ben. Aquele também era. E continuava a segurar-lhe no braço.

Divertida, ergueu uma sobrancelha. — Senhor agente, aviso-o desde já que se me prender por agressão, eu apresento queixa por brutalidade policial. — Quando ele sorriu, ela sentiu algo fazer clique. Então ele não era tão inofensivo como ela pensara. — Bem, agora se me der licença...

— Esqueça as queixas. — Ben manteve a mão no braço dela. — Se precisar de resolver alguma multa...

— Sargento...

— Detetive — corrigiu ele. — Ben.

— Detetive, eu posso até pensar nessa sua oferta numa outra ocasião, mas neste momento estou atrasada. Se me quiser ajudar...

— Estou aqui para servir os cidadãos.

— Então podia largar-me o braço e dizer-me onde posso encontrar o comandante Harris.

— O comandante Harris? Do Departamento de Homicídios?

Ela viu a surpresa, e a desconfiança, e sentiu o braço liberto. Intrigada, inclinou a cabeça e tirou o chapéu. O cabelo louro tombou-lhe sobre os ombros. — Exatamente.

Ben passou os olhos pela cascata de cabelos antes de voltar a olhar para a cara dela. Não encaixava, pensou. E ele desconfiava das coisas que não encaixavam. — Dra. Court?

Era sempre difícil responder com graça a rudeza e cinismo. Tess não se deu ao trabalho. — Acertou uma vez mais... Detetive.

— Você é psiquiatra?

Ela fitou-o do mesmo modo. — Você é polícia?

Ambos poderiam ter acrescentado algo nada elogioso se Ed não tivesse desatado a rir às gargalhadas. — Terminou o primeiro *round* — disse ele com descontração. — O gabinete do Harris é um canto neutro. — Segurou Tess pelo braço e indicou-lhe o caminho.

2 .

LADEADA PELOS DOIS HOMENS, TESS percorreu os corredores. De vez em quando, uma voz gritava, ou uma porta abria-se e fechava com um som oco. O barulho do toque dos telefones vinha de todos os lados ao mesmo tempo; parecia que nunca ninguém os atendia. A chuva batia contra as janelas e acrescentava um toque sinistro. Um homem em mangas de camisa e macacão estava a limpar uma poça de uma coisa qualquer. O corredor cheirava intensamente a *Lysol* e humidade.

Não era a primeira vez que ela estava numa esquadra de polícia, mas era a primeira vez que quase se sentira intimidada. Ignorou Ben e concentrou-se no seu parceiro.

— Vocês os dois andam sempre juntos?

Bem-disposto, Ed sorriu de modo aberto. Gostava da voz dela porque era grave, e era fria como um sorvete numa tarde de domingo. — O comandante gosta que eu o tenha debaixo de olho.

— Aposto que sim.

Ben virou abruptamente para a esquerda. — Por aqui... Doutora.

Tess olhou-o de esguelha e ultrapassou-o. Ele cheirava a chuva e a sabonete. Quando entrava na sala do departamento, viu dois homens arras-

tarem um adolescente algemado. Estava uma mulher sentada a um canto com uma chávena entre as mãos a chorar baixinho. Os gritos de discussão ouviam-se vindos do átrio.

— Bem-vinda à realidade — disse Ben quando alguém começou a praguejar.

Tess olhou-o longa e fixamente e concluiu que ele era um tolo. Pensaria ele que ela estava à espera de chá e bolinhos? Em comparação com a clínica onde ela dava consultas uma vez por semana, aquilo era uma festa de jardim. — Obrigada, detetive...

— Paris. — Ben indagou-se porque teria a sensação de que ela estava a rir-se dele. — Ben Paris, Dra. Court. Este é o meu parceiro, Ed Johnson. — Tirou um cigarro e acendeu-o enquanto a observava. Ela parecia deslocada na sala imunda, como uma rosa em cima de um monte de lixo. Mas isso era problema seu. — Vamos trabalhar consigo.

— Que bom. — Com o sorriso que reservava para lojistas irritantes, Tess passou intempestivamente por ele. Antes de ter oportunidade de bater à porta de Harris, Ben já estava a abrir-lha.

— Comandante. — Ben esperou que Harris pusesse a papelada de lado e se levantasse. — Esta é a Dra. Court.

Ele não estava à espera de uma mulher, nem de alguém tão jovem. Mas Harris tinha já comandado bastantes agentes femininas, bastantes recrutadas, para sentir mais do que uma surpresa momentânea. O presidente da Câmara recomendara-a. Insistira nela, corrigiu-se Harris. E o presidente da Câmara, por mais irritante que fosse, era um homem inteligente que raramente falhava.

— Dra. Court. — Estendeu a mão ao encontro da dela, que era macia e pequena, mas bastante firme. — É uma satisfação recebê-la.

Não. Ela não estava muito convencida que fosse, mas já tinha contornado situações idênticas. — Espero poder ajudar.

— Por favor, sente-se.

Ela começou a despir o casaco e sentiu umas mãos nos braços. Olhou rapidamente por cima do ombro e viu Ben atrás de si. — Bonito casaco, doutora. — Os dedos dele roçaram o forro quando ele lho despiu. — As consultas devem ser rentáveis.

— Não há nada mais divertido do que sugar clientes — disse ela no mesmo tom baixo, virando-lhe de seguida o rosto. *Idiota arrogante*, pensou ela e sentou-se.

— Talvez a Dra. Court queira um café — sugeriu Ed. Sempre divertido, sorriu para o parceiro. — Ela molhou-se um bocado à entrada.

Ao ver o brilho nos olhos de Ed, Tess não pôde deixar de sorrir também. — Adoraria um café. Forte.

Harris olhou para as borras que restavam na cafeteira e pegou no telefone. — Roderick, traz cafés. Quatro... não, três — corrigiu ele quando olhou para Ed.

— Se houver água quente... — Ed enfiou a mão no bolso e retirou uma saqueta de chá de ervas.

— E uma chávena de água quente — disse Harris, com os lábios a contraírem-se numa espécie de sorriso. — Pois, para o Jackson. Dra. Court... — Harris não sabia o que a tinha divertido, mas ficou com a sensação de que teria algo a ver com os seus dois agentes. Era melhor concentrarem-se no que interessava. — Agradecemos qualquer ajuda que nos possa dar. E terá toda a nossa colaboração — disse ele, olhando de relance para Ben. — Já lhe fizeram um resumo do que precisamos?

Tess pensou na reunião de duas horas que tinha tido com o vereador e nas pilhas de documentos que levava do gabinete dele para casa. Nada fora resumido.

— Sim. Precisam de um perfil psicológico do assassino conhecido por Padre. Querem a opinião experiente de um perito quanto aos motivos que o levam a matar e quanto ao modo como o faz. Querem que eu diga quem ele é do ponto de vista emocional. Como pensa, como sente. Com os factos que tenho, e com os que o senhor me dará, será possível dar uma opinião... uma opinião — frisou ela — quanto à motivação, ao método e à identidade psicológica. Assim, poderá ser mais fácil apanharem-no.

Então ela não prometia milagres. Isso ajudou Harris a relaxar. Pelo canto do olho, viu Ben a observá-la atentamente, enquanto deslizava lentamente com um dedo pela gabardina dela. — Senta-te, Paris — disse ele brandamente. — O presidente da Câmara forneceu-lhe alguns dados? — perguntou ele à psiquiatra.

— Alguns. Comecei a analisá-los ontem à noite.

— Irá certamente querer dar uma olhadela aos relatórios. — Harris tirou um dossier de cima da secretária e passou-lho.

— Obrigada. — Tess tirou um par de óculos de armação de tartaruga da mala e abriu o dossier.

Uma psiquiatra, pensou Ben outra vez enquanto lhe observava o

perfil. Parecia mais que devia estar a chefiar clagues em jogos universitários. Ou a bebericar conhaque no Mayflower. Ele não sabia bem por que motivo essas duas imagens pareciam assentar-lhe bem, mas assentavam. Era a imagem de médico da cabeça que não assentava. Os psiquiatras eram altos, magros e pálidos, com olhos serenos, vozes serenas e mãos serenas.

Ele lembrava-se do psiquiatra que acompanhara o irmão durante três anos, depois de este ter regressado do Vietname. Josh tinha partido jovem, um idealista. Voltara perturbado e beligerante. O psiquiatra tinha ajudado. Ou, pelo menos assim parecia, era o que todos tinham dito, incluindo Josh. Até ele ter pegado na arma de serviço e acabado com todas as oportunidades que pudesse ter tido.

O psiquiatra tinha-lhe chamado Transtorno de Stress Pós-traumático Tardio. Até então, Ben não se havia apercebido do quanto odiava rótulos.

Roderick entrou com os cafés e conseguiu não parecer irritado por ter sido delegado moço de recados.

— Foste buscar o Dors? — perguntou-lhe Harris.

— Ia a caminho.

— O Paris e o Jackson vão pôr-te a ti, à Lowenstein e ao Bigsby a par dos acontecimentos, amanhã depois da chamada. — Dispensou-o com um aceno de cabeça enquanto deitava três colheres de chá de açúcar na sua chávena. Do outro lado da sala, Ed estremeceu.

Tess aceitou o café com um murmúrio e nunca levantou os olhos. — Deverei assumir que o assassino tem uma força acima da média?

Ben pegou num cigarro e estudou-o. — Porquê?

Tess puxou os óculos para a ponta do nariz num gesto que tinha aprendido com um professor da faculdade. Era um truque para desmoralizar. — Para além das marcas de estrangulamento, não havia quaisquer ferimentos, nem sinais de violência, roupa rasgada, ou sinais de luta.

Ignorando o café, Ben inspirou o fumo do cigarro. — Nenhuma das vítimas era particularmente robusta. Barbara Clayton era a maior, com um metro e sessenta e cinco de altura e cinquenta e quatro quilos de peso.

— O terror e a adrenalina provocam aumentos súbitos de força — ripostou ela. — Segundo os relatórios, a sua assunção é de que ele as apanha de surpresa, por trás.

— Presumimos isso a partir do ângulo e da localização dos hematomas.

— Acho que já entendi isso — disse ela bruscamente, e empurrou de novo os óculos para cima. Não era fácil desmoralizar um idiota. — Nenhuma das vítimas conseguiu arranhar-lhe a cara, ou teriam vestígios de pele debaixo das unhas. Entendi bem? — Antes que ele pudesse responder, ela virou-se para Ed. — Então, ele é suficientemente inteligente para querer evitar marcas questionáveis. Não parece que ele mate esporadicamente, mas planeia tudo metodicamente, logicamente até. A roupa delas — continuou. — Estava desalinhada, botões desapertados, costuras rasgadas, sapatos descalços?

Ed abanou a cabeça, admirando a forma como ela mergulhava nos pormenores. — Não, senhora. As três estavam impecavelmente arranjadas.

— E a arma do crime? O amicto?

— Dobrado sobre o peito.

— Um psicótico arrumadinho — disse Ben.

Tess limitou-se a levantar uma sobrancelha. — Você é rápido a diagnosticar, detetive Paris. Mas em vez de «arrumadinho», eu usaria a palavra «reverente».

Levantando apenas um dedo, Harris deteve a resposta de Ben. — Podia explicar isso, doutora?

— Não posso dar-lhe um perfil exaustivo sem mais algum estudo, comandante, mas acho que posso dar-lhe uma ideia geral. O assassino é, obviamente, profundamente religioso e, segundo me parece, de formação tradicional.

— Então inclina-se para a teoria do padre?

Ela virou-se uma vez mais para Ben. — O sujeito pode, a certa altura da vida, ter pertencido a uma ordem religiosa qualquer, ou terá simplesmente um fascínio pela autoridade da Igreja, ou até medo. A utilização do amicto é um símbolo para ele, para nós, até para as suas vítimas. Pode ser utilizado numa atitude de rebeldia, mas, a avaliar pelos bilhetes, eu excluiria essa hipótese. Como as três vítimas eram da mesma faixa etária, é provável que representem alguma figura feminina importante na vida dele. Mãe, mulher, amante, irmã. Alguém que foi, ou é, íntima do ponto de vista emocional. O meu palpite é que essa pessoa lhe falhou de alguma forma, através da Igreja.

— Um pecado? — Ben bufou uma coluna de fumo.

Ele podia ser um idiota, mas não era estúpido, pensou ela. — A definição de pecado varia — disse ela friamente. — Mas, sim, um pecado aos olhos dele; provavelmente, um pecado sexual.

Ele odiava a análise calma e impessoal. — Então está a puni-la através de outras mulheres?

Ela percebeu o escárnio na voz dele e fechou o dossier. — Não, está a salvá-las.

Ben abriu outra vez a boca, mas fechou-a de imediato. Fazia bastante sentido.

— Esse é o único aspeto que está claro para mim — disse Tess virando-se para Harris. — Está nos bilhetes. Em todos eles. O sujeito coloca-se no papel de salvador. Pela ausência de violência, eu diria que ele não deseja punir. Se se tratasse de vingança, ele seria brutal, cruel, e faria questão que elas estivessem cientes do que iria acontecer-lhes. Em vez disso, ele mata-as o mais rapidamente possível, depois ajeita-lhes a roupa, cruza o amicto num sinal de reverência e deixa um bilhete a declarar que estão salvas.

Tess tirou os óculos e girou-os. — Ele não as viola. O mais provável é ser impotente com as mulheres, mas, mais importante que isso, uma agressão sexual seria um pecado. É possível que ele obtenha alguma espécie de prazer sexual das mortes, mas mais ao nível espiritual.

— Um fanático religioso — refletiu Harris.

— Interiormente — disse-lhe Tess. — Exteriormente, ele provavelmente funciona normalmente durante longos períodos de tempo. Os assassinatos foram cometidos com semanas de intervalo entre eles, por isso, aparentemente, ele tem algum nível de controlo. Ele pode perfeitamente ter um emprego normal, conviver com as pessoas e ir à missa.

— A igreja. — Ben levantou-se e deslocou-se até à janela.

— Com assiduidade, penso eu. É o seu ponto focal. Se este homem não for padre, assume as características de um durante os assassinatos. Na sua mente, ele está a ajudar.

— Absolição — murmurou Ben. — Os últimos sacramentos.

Intrigada, Tess semicerrou os olhos. — Exatamente.

Como não tinha muito conhecimento acerca da Igreja, Ed mudou de assunto. — Será esquizofrénico?

Tess olhou de sobrolho franzido para os óculos enquanto abanava a cabeça. — Esquizofrenia, transtorno maníaco-depressivo, dupla personalidade. Os rótulos são aplicados com demasiada facilidade e tendem a generalizar. — Ela não reparou que Ben se virou para a fitar. Voltou a enfiar os óculos no estojo e guardou-os na mala. — Cada distúrbio psiquiátrico é um

problema muito individual e cada problema só pode ser compreendido e resolvido quando se descobrem as suas causas dinâmicas.

— Eu também preferia lidar com os detalhes — disse-lhe Harris. — Mas, neste caso, são muito escassos. Estamos a lidar com um psicopata?

A expressão de Tess alterou-se subtilmente. *Impaciência*, pensou Ben, reparando na ténue linha entre as sobrancelhas e no movimento rápido da boca. Logo de seguida ela assumiu de novo a expressão profissional. — Se quer um termo genérico, «psicopatia» serve. Significa distúrbio mental.

Ed passou a mão pela barba. — Então ele é demente.

— «Demência» é um termo jurídico, detetive — disse ela com um ar quase arrogante enquanto pegava no dossier e se levantava. — Quando ele for detido e levado a julgamento, então discutir-se-á isso. Elaborarei um perfil assim que me for possível, comandante. Seria útil que eu pudesse ver os bilhetes que foram deixados nos cadáveres, bem como as armas do crime.

Insatisfeito, Harris levantou-se. Queria mais. Embora soubesse que era complicado, ele queria A, B e C e a relação entre as três. — O detetive Paris irá mostrar-lhe tudo o que precisar de ver. Obrigado, Dra. Court.

Ela deu-lhe um aperto de mão. — Nesta altura não tem muito que me agradecer. Detetive Paris?

— Por aqui. — Com um rápido aceno de cabeça, conduziu-a ao exterior.

Ben manteve-se em silêncio enquanto a acompanhava de novo pelos corredores até ao posto de controlo onde se registaram para examinarem as provas. Tess manteve-se também silenciosa enquanto examinava os bilhetes e a caligrafia limpa e cuidada. Não variavam muito e eram tão semelhantes que pareciam quase fotocópias. O homem que os tinha escrito não estivera nem exasperado, nem desesperado, refletiu ela. Estivera, quando muito, em paz. Era paz que ele procurava e paz que, do seu modo deturpado, queria dar.

— Branco de pureza — murmurou ela depois de ter olhado para os amictos. Talvez um símbolo, pensou. Mas de quem? Desviou o olhar dos bilhetes. Provocavam-lhe mais arrepios do que as armas dos crimes. — Parece que ele é um homem com uma missão.

Ben lembrou-se da angustiante frustração que tinha sentido após cada assassinato, mas falou com uma voz controlada e monocórdica. — Parece muito segura de si, doutora.

— Pareço? — Virou-se para ele, observou-o rapidamente, refletiu e prosseguiu por impulso. — A que horas sai do serviço, detetive?

Ele inclinou a cabeça, incerto quanto ao que deveria fazer. — Há dez minutos.

— Muito bem. — Tess vestiu o casaco. — Pode pagar-me um copo e dizer-me porque não gosta da minha profissão, ou apenas de mim, pessoalmente. Dou-lhe a minha palavra em como não vou analisá-lo.

Havia algo nela que o desafiava. A aparência controlada e elegante, a voz forte e sofisticada. Talvez fossem os olhos enormes e suaves. Pensaria nisso depois. — Não é preciso pagar honorários?

Ela riu-se e enfiou o chapéu no bolso. — Provavelmente descobrimos a raiz do problema.

— Preciso do meu casaco. — Enquanto regressavam à sala do departamento, cada um deles perguntava-se por que motivo estava prestes a passar parte da noite com alguém que tão obviamente desaprovava. Mas cada um deles estava também decidido a sair vencedor antes de a noite terminar. Ben agarrou no casaco e rabiscou algo num livro de registo.

— Charlie, diz ao Ed que vou estar em consulta com a Dra. Court.

— Preencheste aquela requisição?

Ben agarrou em Tess quase como num escudo e encaminhou-se para a porta. — Requisição?

— Raios, Ben...

— Amanhã, em triplicado. — Puxou Tess para fora do alcance do ouvido, praticamente até à porta do edifício.

— Não gosta de tratar de papelada? — perguntou ela.

Ele abriu a porta e viu que a chuva tinha dado lugar a uma morrinha húmida. — Não é a parte mais compensatória do serviço.

— E qual é?

Ele lançou-lhe um olhar enigmático enquanto a conduzia até ao carro. — Apanhar os maus da fita.

Por estranho que parecesse, ela acreditava nele.

Dez minutos depois entravam num bar mal iluminado onde a música provinha de uma *jukebox* e as bebidas não eram aguadas. Não era um dos lugares noturnos mais distintos de Washington, nem dos mais desagradáveis. Aos olhos de Tess, parecia um lugar onde os clientes habituais se conheciam pelo nome e os recém-chegados eram aceites gradualmente.

Ben acenou descontraidamente ao empregado de bar, trocou umas

palavras surdas com uma das empregadas e conseguiu uma mesa ao fundo. Ali a música era suave e as luzes ainda mais fracas. A mesa oscilava ligeiramente devido a uma perna mais curta.

Assim que se sentou, Ben descontraiu. Estava no seu território e sabia como agir. — O que deseja tomar? — Esperou que ela pedisse um vinho branco francês.

— Whisky, puro.

— *Stolichnaya* — disse ele à empregada enquanto continuava a observar Tess. — Com gelo. — Esperou que o silêncio se estendesse dez, vinte segundos. Um silêncio interessante, pensou, cheio de questões e de animosidade velada. Ia tentar confundi-la. — Tem uns olhos incríveis.

Ela sorriu e recostou-se confortavelmente. — Estava convencida de que iria sair-se com algo mais original.

— O Ed gosta das suas pernas.

— Estou admirada que ele as tenha conseguido ver de tão alto. Ele não é como você — comentou ela. — Calculo que façam uma equipa impressionante. Deixando isso de lado, detetive Paris, estou interessada na razão de desconfiar da minha profissão.

— Porquê?

Quando lhe serviram a bebida, Tess bebericou-a lentamente. Esta aqueceu-a em sítios onde o café não chegava. — Curiosidade. Defeito profissional. Afinal, temos ambos profissões que procuram respostas, resolvem puzzles.

— Considera os nossos trabalhos semelhantes? — A ideia fê-lo sorrir com ironia. — Chuis e psiquiatras.

— Talvez eu considere o seu trabalho tão desagradável quanto você considera o meu — disse ela brandamente. — Mas são ambos necessários quando as pessoas não se comportam de acordo com os padrões da sociedade.

— Não gosto de terminologias. — Bebeu um longo gole do seu copo. — Não tenho muita confiança em alguém que fica sentada a uma mesa a esquadriñar o cérebro das pessoas e a catalogar as suas personalidades.

— Bem. — Ela bebericou mais um pouco e ouviu a música passar a um tema sonhador de Lionel Richie. — É assim que define os psiquiatras?

— É.

Ela anuiu com a cabeça. — Calculo que também tenha de lidar com muita intolerância relativamente à sua profissão.

Algo de perigoso aflorou nos olhos dele e desapareceu logo em seguida. — Um ponto para si, doutora.

Ela tamborilou com um dedo sobre a mesa; o único sinal exterior de emoção. Ele tinha uma capacidade admirável para ficar imóvel. Ela já tinha anteriormente reparado nisso, no gabinete de Harris. Contudo, presentia que ele estava inquieto. Era difícil não apreciar o modo como ele conseguia controlar-se.

— Muito bem, detetive Paris, porque não marca você o seu ponto?

Depois de fazer girar a vodka, pousou o copo sem beber. — Ok, talvez eu a veja como alguém que ganha balúrdios à conta de donas de casa frustradas, ou de executivos entediados. Acaba por resumir-se tudo a problemas de ordem sexual ou de ódio materno. Você responde a perguntas com perguntas e nunca sua. Passados cinquenta minutos, passa simplesmente ao arquivo seguinte. Quando alguém precisa realmente de ajuda, quando alguém está desesperado, isso é ignorado. Você cataloga o problema, arquivava-o e segue para a consulta seguinte.

Ela permaneceu em silêncio por uns instantes, porque, sob a raiva, conseguia perceber sofrimento. — Deve ter sido uma experiência muito má — murmurou. — Lamento.

Desconfortável, ele mexeu-se. — Nada de análises — lembrou-a ele.

Uma experiência muito má, pensou ela outra vez. Mas ele não era homem para gostar de companhia. — Muito bem, tentemos uma abordagem diferente. Você é detetive criminal. Calculo que passe o dia a fazer perseguições de arma em punho por becos escuros. Desvia-se de algumas balas de manhã, algema alguém durante a tarde, lê os direitos ao suspeito e arrasta-o para interrogatório. Será esta a descrição suficientemente geral para si?

Um sorriso relutante desenhou-se nos lábios dele. — É muito esperta, não é?

— Já mo tinham dito.

Não era nada típico dele fazer juízos absolutos de alguém que não conhecia. O seu inato senso de justiça debatia-se com um grande e enraizado preconceito. Fez sinal para que lhe servissem mais uma bebida. — Qual é o seu primeiro nome? Estou cansado de a tratar por Dra. Court.

— O seu é Ben. — Fez-lhe um sorriso que o levou a focar-se de novo na boca dela. — Teresa.

— Não. — Ben abanou a cabeça. — Não é assim que a tratam. Teresa é demasiado comum. Terry não tem classe suficiente.

Ela inclinou-se para diante e pousou o queixo nas mãos entrelaçadas. — Afinal você é capaz de ser mesmo um bom detetive. É Tess.

— Tess. — Ele experimentou-o lentamente e depois anuiu com a cabeça. — Muito bonito. Diga-me, Tess, porquê a psiquiatria?

Ela observou-o por um momento, admirando a forma descontraída como ele estava sentado. Não indolente, pensou, nem desleixado; apenas relaxado. Ela invejava isso. — Curiosidade — disse ela outra vez. — A mente humana está cheia de questões por responder. Eu queria descobrir as respostas. Se conseguimos descobrir as respostas, às vezes conseguimos ajudar. Cura-se a mente, pacifica-se o coração.

A simplicidade emocionou-o. — Pacifica-se o coração — repetiu ele, e pensou no irmão. Ninguém tinha sido capaz de pacificar isso. — Acha que se curar um, consegue pacificar o outro?

— É a mesma coisa. — Tess olhou para trás dele, para um casal que seria de modo cúmplice enquanto bebia cerveja.

— Eu pensava que só lhe pagavam para tratar a cabeça.

Ela sorriu ligeiramente, mas os olhos continuaram a focar o casal. — A mente, o coração e a alma. «Não podeis ajudar um cérebro doente; Da memória arrancar uma tristeza enraizada; Da mente riscar os problemas aí escritos; E, com algum doce antídoto de esquecimento, livrar o peito opresso da matéria maldosa que oprime o coração?»

Ele tinha levantado os olhos da bebida enquanto ela falava. A voz dela mantinha-se baixa, mas ele deixara de ouvir a *jukebox*, o ruído de fundo, o riso.

— Macbeth. — Quando ela lhe sorriu, ele encolheu os ombros. — Os agentes de polícia também leem.

Tess ergueu o copo no que poderia ter sido um brinde. — Talvez devêssemos ambos fazer uma reavaliação.

ESTAVA AINDA A CHUVISCAR QUANDO entraram no parque de estacionamento da esquadra. O cinzento do dia tinha trazido rapidamente a escuridão, as poças brilhavam sob os postes de iluminação da rua e os passeios estavam molhados e desertos. Washington deitava-se e levantava-se cedo. Ela tinha esperado até àquele momento para lhe perguntar o que tinha andado a matutar toda a noite.

— Ben, por que motivo entrou para a polícia?

— Já lhe disse, gosto de apanhar os maus da fita.

A semente da verdade estava lá, pensou ela, mas não o todo. — Então cresceu a brincar aos polícias e ladrões e decidiu continuar com a brincadeira?

— Sempre brinquei aos médicos. — Parou ao lado do carro dela e travou o carro. — Era educativo.

— Tenho a certeza que sim. Então porquê a mudança para o serviço público?

Ele podia ter sido vago, podia ter fugido à questão. Parte do seu charme junto das mulheres prendia-se com a capacidade que tinha para fazer ambas as coisas com um sorriso fácil. De algum modo, pela primeira vez, ele quis dizer simplesmente a verdade. — Está bem, agora tenho eu uma citação para si. «Sem as mãos e as espadas dos homens, a lei não passa de palavras e papel.» — Com um meio sorriso, virou-se para a ver a examiná-lo calmamente. — Palavras e papel não são a minha maneira de resolver as coisas.

— E a espada é?

— Exatamente. — Inclinou-se para a frente para abrir a porta. Os seus corpos roçaram um no outro, mas nenhum dos dois deu importância ao contacto físico. — Acredito na justiça, Tess. É muito mais do que palavras em papel.

Ela deixou-se estar sentada por um momento, a digerir. Havia violência nele; ordenada e controlada. Talvez a palavra fosse «treinada», mas, ainda assim, era violência. Ele já tinha, certamente, matado alguém; algo que a educação e a personalidade dela rejeitavam por completo. Ele tinha roubado vidas, e arriscado a sua, e agora acreditava em lei, ordem e justiça. Tal como acreditava na espada.

Ele não era o homem simples que ela presumira inicialmente. Era muito para aprender numa só noite. Mais do que suficiente, pensou ela, e preparou-se para sair do carro.

— Bem, obrigada pelo copo, detetive.

Quando saiu do carro, Ben saiu pelo outro lado. — Não tem guarda-chuva?

Ela enviou-lhe um sorriso sereno enquanto procurava as chaves. — Nunca trago nenhum quando chove.

De mãos enfiadas nos bolsos traseiros, ele encaminhou-se lentamente para junto dela. Por motivos que não era capaz de explicar, estava relutante em deixá-la partir. — O que diria um psiquiatra disso?

— Você também não tem nenhum. Boa-noite, Ben.

Ele sabia que ela não era a pessoa superficial e requintadamente sofisticada que ele pensara. Deu por si a segurar-lhe na porta quando ela se sentou atrás do volante. — Tenho um amigo que trabalha no Centro Kennedy. Ele deu-me dois bilhetes para a peça do Noël Coward, amanhã à noite. Interessada?

Ela estava prestes a recusar educadamente. Óleo e água não se misturavam. Nem negócios e prazer. — Sim, estou interessada.

Como ele não tinha a certeza do que sentia sobre a concordância dela, limitou-se a anuir com a cabeça. — Vou buscá-la às sete.

Quando ele bateu com a porta, ela baixou o vidro da janela. — Não quer o meu endereço?

Ele dirigiu-lhe um sorriso presunçoso que ela devia ter detestado. — Sou um detetive.

Enquanto ele regressava para o carro, Tess deu por si a rir-se.

ÀS DEZ HORAS, A CHUVA já tinha parado. Concentrada no perfil que estava a elaborar, Tess não reparou no silêncio, nem na luz pálida da Lua. Não se tinha lembrado de ir buscar comida ao chinês e a sanduíche de carne assada que tinha feito para o jantar estava meio comida e esquecida.

Fascinante. Estava a reler os relatórios. Eram fascinantes e assustadores. Como é que ele escolhia as vítimas? Todas louras, todas com vinte e tal anos, todas de pequena a média estatura. Quem simbolizariam para ele e porquê?

Observá-las-ia? Segui-las-ia? Escolhê-las-ia arbitrariamente? Talvez a cor do cabelo e a estatura fossem simples coincidência. Qualquer mulher sozinha à noite podia acabar por ser «salva».

Não. Era um padrão. Ela estava certa disso. De algum modo, ele escolhia cada vítima por causa da aparência física em geral. Depois arranjava forma de estudar a sua rotina. Três mortes e não cometera um único erro. Estava doente, mas era metódico.

Loura, final da casa dos vinte, pequena a média estatura. Tess deu por si a fitar o reflexo vago da própria imagem na janela. Não acabara de se descrever a si própria?

A pancada na porta sobressaltou-a e ela amaldiçoou a própria tolice. Olhou para o relógio de pulso pela primeira vez desde que se tinha sentado e viu que tinha trabalhado três horas a fio. Mais duas e seria capaz de ter

alguma coisa para o comandante Harris. Quem quer que estivesse à porta, teria de ser rápido.

Pousou os óculos sobre a pilha de papéis e foi atender. — Avô. — A irritação evaporou-se quando ela se colocou em bicos de pés para o beijar com o entusiasmo que ele tinha ajudado a incutir na sua vida. Ele cheirava a hortelã-pimenta e a *Old Spice* e tinha porte de general. — Está tarde para o senhor andar na rua.

— Tarde? — A voz dele ressoava. Sempre tinha sido assim; nas paredes da cozinha onde ele fritava peixe fresco, num jogo de futebol em que puxava pela equipa que lhe apetecia no momento, no Senado onde servira durante vinte e cinco anos. — Passa pouco das dez. Ainda não estou pronto para a manta no colo e o leite morno, minha menina. Prepara-me uma bebida.

Ele já tinha entrado e estava a despir o casaco do seu corpo robusto de um metro e oitenta. Tinha setenta e dois anos, pensou Tess enquanto olhava para a rebelde melena de cabelos brancos e para o rosto encourado. Tinha setenta e dois anos e mais energia do que os homens com quem ela saía. E, certamente, mais interesse. Talvez o motivo pelo qual ela continuasse solteira e feliz por sê-lo fosse a sua exigência no que dizia respeito aos homens. Serviu-lhe três dedos de whisky.

Ele olhou para a mesa repleta de pilhas de papéis, de dossiers e de anotações. Aquela era a sua Tess, pensou enquanto aceitava o copo da mão dela. Sempre pronta a deitar mãos à obra e a despachar o trabalho. Também não lhe escapou a meia sanduíche. Era também típico da sua Tess. — Bem. — Bebeu do whisky. — O que sabes tu acerca deste maníaco que temos nas mãos?

— Senador. — Tess usou o seu tom mais formal enquanto se sentava no braço de uma poltrona. — Sabe que não posso discutir isto consigo.

— Tretas. Fui eu que te arranjei este trabalho.

— Pelo qual não vou agradecer-lhe.

Ele dirigiu-lhe um dos seus olhares de aço. Era do conhecimento geral que haviam intimidado os políticos veteranos. — Mas eu vou ficar a saber tudo pelo presidente da Câmara.

Em vez de se sentir intimidada, Tess dirigiu-lhe o mais doce dos sorrisos. — Então que seja pelo presidente da Câmara.

— Raios partam a ética — resmungou ele.

— Foi o senhor que ma ensinou.

Ele resmoneou, satisfeito com ela. — E que tal o comandante Harris? Uma opinião.

Ela ficou a matutar por um momento, como fazia quando estava a ordenar os pensamentos. — Competente, controlado. Está zangado, frustrado e sob uma grande pressão, mas consegue manter tudo sob controlo.

— E os detetives responsáveis pelo caso?

— Paris e Jackson. — Passou com a ponta da língua pelos dentes. — Pareceram-me um par bastante incomum, mas muito unido. O Jackson parece uma montanha. Fez perguntas típicas, mas é muito bom ouvinte. Parece-me do tipo metódico. O Paris... — Ela hesitou, insegura do terreno que pisava. — É inquieto, e acho que mais inconstante. Inteligente, mas mais instintivo do que metódico. Ou talvez mais emotivo. — Pensou em justiça e numa espada.

— São competentes?

— Não sei ajuizar isso, avô. A impressão com que fiquei é que são dedicados. Mas isso não passa de uma impressão.

— O presidente da Câmara tem muita confiança neles. — Bebeu o resto do whisky. — E em ti.

Ela concentrou-se de novo nele, olhos sérios. — Não sei se é justificado. Este homem está muito perturbado, avô. É perigoso. Posso ser capaz de lhes dar um esboço da mente dele, o seu padrão emocional, mas isso não vai detê-lo. Jogos de adivinha. — Levantou-se e enfiou as mãos nos bolsos. — Tudo não passa de uma charada.

— É sempre uma charada, Tess. Sabes que não há garantias, nem certezas absolutas.

Ela sabia, mas não gostava. Nunca tinha gostado. — Ele precisa de ajuda, avô. Está a gritar por ela, mas ninguém consegue ouvi-lo.

Ele colocou uma mão debaixo do queixo. — Ele não é teu paciente, Tess.

— Não, mas eu estou envolvida. — Quando ela o viu franzir o sobrolho, mudou de tom. — Não comece a preocupar-se, não vou passar os limites do bom senso.

— Disseste-me o mesmo certa vez acerca de uma caixa cheia de gatinhos. Acabaram por me custar mais do que um bom fato.

Ela beijou-lhe de novo a face e pegou no casaco dele. — E o senhor adorava cada um deles. Agora tenho trabalho a fazer.

— Estás a expulsar-me?

— Estou só a ajudá-lo com o casaco — corrigiu ela. — Boa-noite, avô.

— Comporta-te, minha menina.

Ela fechou a porta depois de o avô sair, lembrando-se de que ele andava a dizer-lhe a mesma coisa desde os seus cinco anos de idade.

A IGREJA ESTAVA ESCURA E vazia, mas ele não tinha tido dificuldade em arrombar a fechadura. Nem sentia que tinha pecado ao fazê-lo. As igrejas não tinham sido feitas para estarem trancadas. A casa de Deus devia estar aberta aos necessitados, aos perturbados, aos reverentes.

Acendeu quatro velas: uma para cada mulher que tinha salvado e a última para a mulher que não tinha conseguido salvar.

Ajoelhou-se para rezar e as suas orações continham desespero. Por vezes, apenas algumas vezes, tinha dúvidas quando pensava na missão. Uma vida era sagrada. Ele tinha roubado três e sabia que o mundo o via como monstro. Se os seus colegas de trabalho soubessem, iriam desdenhá-lo, pô-lo na cadeia, detestá-lo. Iriam sentir pena dele.

Mas a carne era transitória. Uma vida só era sagrada por causa da alma. Era a alma que ele salvava. A alma que ele tinha de continuar a salvar até equilibrar a balança. Ele sabia que a dúvida era em si um pecado.

Se ao menos tivesse alguém com quem falar. Se ao menos existisse alguém que compreendesse, que lhe desse conforto. Sentiu-se inundado por uma densa onda de desespero. Ceder teria sido um alívio. Não havia ninguém, ninguém em quem pudesse confiar. Ninguém com quem partilhar aquele fardo. Quando a Voz se calava, ele sentia-se tão só.

Tinha perdido Laura. Laura tinha-se perdido e levado pedaços dele com ela. Os melhores pedaços. Às vezes, quando estava escuro, quando estava tudo em silêncio, ele conseguia vê-la. Ela já não se ria. O seu rosto estava tão pálido, tão cheio de sofrimento. Acender velas em igrejas vazias nunca apagaria o sofrimento. Nem o pecado.

Ela estava no escuro, à espera. Só quando a sua missão estivesse completa é que ela seria livre.

O cheiro das velas votivas acesas, o silêncio da igreja e as silhuetas das estátuas acalmavam-no. Ali podia ser que encontrasse esperança e um lugar. Sempre sentira grande conforto nos símbolos religiosos e nos limites.

Baixou a cabeça e rezou com mais fervor. Como lhe tinham ensi-

nado, pediu a graça de aceitar quaisquer provações que estivessem no seu caminho.

Quando se levantou, a luz das velas iluminou tremulamente o colarinho branco. Ele apagou-as e fez-se de novo escuridão.

3 .

O TRÂNSITO DE WASHINGTON CONSEGUIA ser extremamente enervante, especialmente quando uma pessoa tinha acordado sem energia e se abastecera com café para tratar dos sucessivos compromissos do dia. Tess avançava vagarosamente atrás de um *Ford Pinto* com um tubo de escape defeituoso e aguentou mais um semáforo vermelho. Ao seu lado, um homem num enorme *GMC* azul acelerava o motor. Sentiu-se desapontado quando ela não se deu ao trabalho de olhar para ele.

Tess estava preocupada com Joey Higgins. Dois meses de terapia e ela não tinha conseguido chegar perto do verdadeiro problema, ou, mais precisamente, da verdadeira resposta. Um menino de catorze anos de idade não deveria estar clinicamente deprimido, mas na rua a jogar basebol. Hoje ela tinha sentido que ele estivera quase a abrir-se com ela. *Quase*, pensou Tess com um suspiro. Mas ele não tinha ainda ultrapassado a barreira. Construir a sua confiança e a sua autoconfiança era como construir as pirâmides. Um angustiante passo a passo. Se ela conseguisse ao menos conquistar a sua total confiança...

Atravessou com dificuldade a cidade com o peso da preocupação por um menino rabugento com amargura nos olhos. Havia tantas outras coisas. Demasiadas coisas.

Tess sabia que não precisava de sacrificar a hora de almoço para en-

tregar pessoalmente o perfil ao comandante Harris. Também ninguém a obrigara a trabalhar nele até às duas da manhã, mas não tinha conseguido parar.

Alguma coisa a impelia — instinto, palpite, ou superstição; ela não sabia dizer qual. O que sabia era que estava tão envolvida com o assassino sem rosto como com qualquer um dos seus pacientes. A polícia precisava de toda a ajuda que pudesse dar para os ajudar a compreendê-lo e precisava de o compreender para o apanhar. Ele tinha de ser apanhado para poder ser ajudado.

Quando entrou no parque de estacionamento da esquadra, olhou rapidamente em volta. Não estava lá o *Mustang*. Mas também não tinha sido por isso que fora até ali, lembrou a si mesma enquanto saía do carro. Pensando bem, também não sabia bem por que motivo aceitara sair com Ben Paris, já que o considerava arrogante e difícil e a sua carga de trabalho acumulava-se com o tempo extra que estava a dedicar ao Departamento de Homicídios. Ela sabia que se trabalhasse mais algumas horas naquela noite, conseguiria colocar praticamente tudo em dia. Por diversas vezes naquele dia, ela pensara em telefonar-lhe a inventar uma desculpa para desistir do encontro.

Mais, os encontros não eram algo que Tess encarasse com muito entusiasmo. O círculo dos solteiros era, para si, algo complicado e desagradável que habitualmente deixava toda a gente frustrada, ou então esgotada. Ela ficava automaticamente repugnada com o estilo espertalhão, «aqui-estou-eu, que-miúda-de-sorte». Frank. E também não tinha ilusões com o estilo fanaticamente descontraindo, «não-quero-compromissos». Como o defensor oficioso com quem tinha saído algumas vezes na última primavera.

Não que os homens não a interessassem, simplesmente a maioria dos que tinha conhecido não eram capazes de lhe suscitar interesse. Quando as expectativas eram elevadas, a decepção surgia facilmente. Fazendo o balanço, era mais fácil ficar em casa a ver um filme antigo, ou a tratar de papelada.

Mas não ia inventar desculpas. Tess disse para si mesma que seria falta de educação desistir de um encontro tão em cima da hora; mesmo que estivesse certa de que tinha sido um encontro combinado por impulso de ambas as partes. Sairia, desfrutaria da peça e depois despedir-se-ia. Trabalharia durante o fim de semana.

Quando entrou no Departamento de Homicídios, olhou rapidamen-

te para quem estava na recepção e para quem andava por ali. Estava uma pessoa com a cabeça enfiada num pequeno frigorífico, mas quando se levantou, ela viu que se tratava de um estranho.

Ben não estava, mas ela reparou na diversidade de agentes presentes. Fatos e gravatas, calças de ganga e camisolas, botas e ténis. A única coisa que parecia ser universal era o coldre de ombro. Para si, ficava muito aquém do *glamour* da espada.

Olhou de relance para o gabinete de Harris e viu que estava vazio.

— Dra. Court?

Tess parou e olhou para um homem que levantava os olhos de uma máquina de escrever. — Sim.

— Sou o detetive Roderick. Se está à procura do comandante Harris, ele está em reunião com o chefe.

— Entendo. — Tess reparou que ele era do tipo «fato-e-gravata». Embora o casaco estivesse pendurado nas costas da cadeira, a gravata estava bem apumada. Ela decidiu que Ben nunca usaria uma. — Ele vai voltar?

— Sim. Se quiser esperar, ele já não deve demorar muito. — Sorriu-lhe ao recordar-se do dia anterior. — Posso ir buscar-lhe um café.

— Ah... — Ela olhou para o relógio de pulso. Tinha um paciente daí a quarenta minutos. Precisaria de metade desse tempo para regressar ao consultório. — Não, obrigada. Não tenho muito tempo. Trago um relatório para o comandante.

— O perfil. Pode entregar-mo. — Quando viu a hesitação dela, continuou: — Também fui designado para o caso, Dra. Court.

— Desculpe. Agradecia que entregasse isto ao comandante Harris assim que ele chegasse. — Tess abriu a pasta e tirou um dossier. — Se ele tiver alguma dúvida, pode contactar-me no consultório até às cinco, depois em casa até às sete. Sabe dizer-me se houve algum progresso?

— Quem me dera. Nesta altura estamos a reanalisar o mesmo terreno, na esperança de nos ter falhado alguma coisa na primeira meia dúzia de vezes.

Tess olhou para o dossier e indagou-se se ele seria realmente capaz de compreender o homem que ela descrevera. Seria alguém capaz disso? Insatisfeita, anuiu com a cabeça e entregou-lhe o dossier. Tinha um aspeto inofensivo, mas uma bomba por ativar também tinha. — Obrigada.

Uma senhora, pensou ele. Naquela profissão, uma pessoa começava a

sentir falta de ver uma verdadeira. — De nada. Quer deixar algum recado ao comandante?

— Não. Está tudo no dossier. Obrigada uma vez mais, detetive.

Lowenstein esperou que Tess se afastasse. — Aquela é que é a psiquiatra?

Roderick passou o dossier por entre os dedos antes de o pousar na secretária. — Sim. Trouxe o perfil para o Harris.

— Parece a *Harper's Bazaar* — murmurou Lowenstein. — Elegante, embora me tenha chegado aos ouvidos que saiu daqui com o Paris ontem à noite. — Com uma risadinha, deu uma palmada no braço de Roderick. — Ela fez-te subir a pressão sanguínea, Lou?

Embaraçado, ele encolheu os ombros. — Eu estava a pensar noutra coisa.

Lowenstein encostou a língua dentro da bochecha. — Claro. De qualquer modo, espero que ela saiba do seu ofício. Bem, calculo que seja melhor que um tabuleiro Ouija. — Pôs a mala ao ombro. — O Bigsby e eu vamos interrogar alguns dos clientes assíduos do Doug's. Mantém tudo sobre rodas.

— Traz uma pista, Maggie. — Roderick recostou-se na cadeira. — Ou somos capazes de precisar de usar o tabuleiro Ouija.

Tess tinha dobrado a segunda esquina quando ouviu alguém praguejar. Quando olhou para trás, viu Ben dar um violento pontapé numa máquina de venda automática.

— Filho da mãe!

— Ben. — Ed colocou-lhe uma mão sobre o ombro. — Isso faz-te mal à saúde. Esquece. O teu corpo vai agradecer.

— Tenho cinquenta centavos ali dentro. — Colocou as mãos dos lados da máquina, sacudiu-a e praguejou novamente. — Em primeiro lugar, cinquenta centavos por um pedaço minúsculo de chocolate e algumas nozes é uma roubalheira.

— Devias experimentar com passas — sugeriu Ed. — Açúcar natural. Têm bastante ferro.

Ben cerrou os dentes. — Detesto passas, não passam de uvas secas.

— Detetive Paris. — Incapaz de resistir, Tess tinha recuado no corredor. — Tem sempre lutas com objetos inanimados?

Ele virou a cabeça, mas não largou a máquina. — Quando me chateiam. — Deu mais uma valente sacudida na máquina, enquanto olhava para Tess.

Ben reparou que desta vez ela não estava molhada. E tinha prendido o cabelo num elegante puxo que o fez pensar em bolos requintados. Talvez ela pensasse que dava um ar profissional, mas a ele fazia-o salivar.

— Está elegante, doutora.

— Obrigada. Olá, detetive Jackson.

— Minha senhora. — Voltou a colocar uma mão no ombro de Ben. — Não imagina o quão envergonhado estou pelo meu parceiro.

— Não tem qualquer problema. Estou habituada a problemas de comportamento.

— Merda. — Ben deu um último empurrão à máquina e depois virou-lhe costas. À primeira oportunidade, iria arrombar a fechadura. — Estava à minha procura?

Tess pensou na vista de olhos que tinha dado no parque de estacionamento e na sala do departamento. Decidiu-se pela tática e não pela verdade. — Não, vim trazer o perfil ao comandante Harris.

— Trabalha depressa.

— Se eu tivesse mais material com que trabalhar, teria demorado mais. — Com um encolher de ombros, expressou tanto aceitação como descontentamento. — Não sei se vou poder ajudar muito. Gostaria de fazer mais.

— Esse é o nosso dever — recordou-lhe Ben.

— Olá, malta. — Lowenstein passou por eles e enfiou uns trocos na máquina. Na verdade, ela queria ver de perto mais a psiquiatra do que doces. Seria capaz de apostar uma semana de ordenado como o fato cor-de-rosa era de seda.

— Essa droga está com defeito — disse-lhe Ben, mas quando ela puxou o manípulo, duas barras de chocolate caíram no tabuleiro.

— Dois pelo preço de um — disse Lowenstein, enfiando ambas na mala. — Até logo.

— Espera aí...

— Não queres fazer uma cena diante da Dra. Court — lembrou-o Ed.

— A Lowenstein tem algo que me pertence.

— Ficas melhor assim. O açúcar ainda vai acabar por te matar.

— Isto é tudo fascinante — disse Tess com ironia enquanto observava Ben a olhar furiosamente para as costas de Lowenstein. — Mas estou com pouco tempo. Quero que saibam que fiz uma sugestão. Está incluída no relatório que elaborei para o comandante.

Ben enfiou as mãos nos bolsos e olhou para ela. — Qual é?

— Precisam de um padre.

— Já pensámos nisso, doutora. O Ed e eu interrogámos uma dúzia deles.

— Com experiência em psiquiatria — concluiu Tess. — Dei-vos o que consegui, mas não estou qualificada para investigar a fundo do ponto de vista religioso. E, de acordo com a minha opinião, é aí que está a chave. — Olhou de relance para Ed, mas ela sabia que opinião teria de influenciar. — Eu podia pesquisar o catolicismo, mas levaria tempo. Não me parece que algum de nós queira perder tempo. Conheço um médico na Universidade Católica, o monsenhor Logan. Tem uma excelente reputação dentro da Igreja e na medicina psiquiátrica. Quero consultá-lo.

— Quanto mais pessoas consultarmos, mais hipóteses existem de haver fuga de informação — disse Ben. — Não podemos deixar que os pormenores cheguem à imprensa.

— E se não tentarem outra coisa, a vossa investigação não vai sair do mesmo sítio. Vai ficar estagnada. — Tess reparou na irritação e ignorou-a. — Eu podia falar com o presidente da Câmara para vos pressionar, mas não é assim que quero tratar do assunto. Quero que me apoie nisto, Ben.

Ele baloiçou sobre os calcanhares. *Mais um psiquiatra*, pensou. *E, ainda por cima, padre*. Mas por mais que odiasse admitir, a investigação estava realmente estagnada. Se ela queria tirar um coelho da cartola, mais valia darem uma olhadela. — Eu falo com o comandante.

O sorriso surgiu facilmente depois da vitória. — Obrigada. — Tess tirou a carteira da mala e enfiou algumas moedas na máquina atrás dele. Após breve ponderação, puxou um manípulo. Com um baque surdo, uma barra de *Hershey* caiu no tabuleiro. — Aqui tem. — De olhar solene, entregou-a a Ben. — Você comoveu-me verdadeiramente. Foi um prazer revê-lo, detetive Jackson.

— O prazer foi meu, minha senhora. — Um sorriso largo desenhou-se-lhe no rosto enquanto a via afastar-se. — Ela sabe cuidar muito bem de si própria, não é?

De testa franzida, Ben atirava a barra de chocolate de uma mão para a outra. — Oh, sim — murmurou. — Como uma profissional.

NÃO ERA NADA HABITUAL ELA preocupar-se com roupa. A verdade era que o seu guarda-roupa tinha sido meticulosamente escolhido, até à última camisola de caxemira e ao blazer de linho, pelo motivo particular de que Tess não tinha paciência para debater cada manhã o que deveria vestir.

A maior parte das vezes, decidia-se por estilos clássicos e cores conjugáveis, porque era o que lhe ficava melhor e tornava-se simples enfiar a mão no guarda-roupa e tirar a peça seguinte em fila nas manhãs atribuladas.

Mas ela não estava a vestir-se para o consultório. Quando voltou a pendurar o terceiro vestido no cabide, Tess lembrou a si mesma que também não estava a vestir-se para o príncipe encantado. Aos vinte e nove anos, ela sabia que não existiam príncipes, nem uma mulher racional queria uma torre de marfim. Um encontro descomplicado com um homem atraente que a fazia pensar rapidamente nas respostas era um assunto completamente diferente, e Ben Paris fazia-a pensar.

Um olhar de relance para o relógio avisou-a de que estava a pensar tanto que ia atrasar-se. De cuecas e camisola interior cor de pele, tirou um vestido preto de seda e examinou-o com olhar crítico. Simples, mas elegante. Uma escolha sensata, decidiu, e não tinha tempo para mais indecisões. Vestiu-o e abotoou a fiada de botões que ia da cintura ao pescoço.

Mais uma atenta inspeção diante do espelho de corpo inteiro fê-la anuir com a cabeça em aprovação. Sim, pensou, era melhor do que o azul frio com que tinha começado, ou a seda framboesa que acabara de rejeitar. Decidiu-se pelos brincos de diamantes da mãe e pela fina pulseira de ouro que o avô lhe tinha oferecido quando ela se licenciara. Ponderou prender o cabelo, mas o toque na campainha da porta decidiu por ela. Teria de ficar solto.

Ela não esperara que ele pudesse ter uma aparência elegante. Mas quando abriu a porta, o fato cinzento-escuro e a camisa cor de salmão provaram que estivera enganada. Contudo, não se enganara quanto à gravata. Ele trazia o colarinho aberto. Tess começou a sorrir-lhe e então viu o ramo de violetas na mão dele. Não era do seu feitio ficar tão desestabilizada, mas quando tornou a olhar para ele, sentiu-se como uma adolescente com o seu primeiro ramalhete de flores murchas.

— Oferta de paz — disse-lhe Ben, sentindo-se tão inquieto e desconfortável como Tess. Tal não deveria acontecer, já que estava habituado a ter gestos grandiosos, ou impulsivos, para com as mulheres com quem saía, disse para si mesmo. Ele era assim. Conseguir um bouquet de violetas em outubro não lhe parecera tolice até àquele momento, em que estava ali a oferecer-lho.

— São lindas. Obrigada. — Recuperando a estabilidade, sorriu para ele e aceitou as flores enquanto recuava para o deixar entrar. O perfume

lembrava-lhe a primavera que ainda estava tão longínqua. — Vou buscar uma jarra.

Quando ela entrou na cozinha, Ben olhou em volta. Viu a gravura Matisse, os tapetes turcos, as almofadas bordadas. Cores suaves e bonitas, e madeira nobre antiga. Era uma sala que transmitia uma riqueza discreta, de gerações.

Que diabo estás tu a fazer aqui?, perguntou-se. *O avô dela é senador. O teu era talhante. Ela cresceu com empregados e a tua mãe continua a limpar a própria casa de banho. Ela licenciou-se com distinção na Smith e tu tiveste dois anos de preparação intensiva na faculdade antes de entrares na academia.*

Oh, ele tinha-a investigado, sem dúvida. Ele era também assim. E tinha a absoluta certeza de que iriam ficar sem assunto de conversa passados quinze minutos.

Quando ela regressou, trazia as violetas numa pequena jarra *Wedgwood*. — Eu oferecia-lhe uma bebida, mas não tenho *Stolichnaya*.

— Tudo bem. — Ele tomou a decisão sem pesar prós nem contras. Tinha aprendido a confiar nos instintos. Enquanto ela pousava as violetas no centro de uma mesa, ele aproximou-se e tocou-lhe nos cabelos.

Ela virou-se lentamente, sem sobressalto, sem surpresa, ao encontro do longo olhar silencioso com outro idêntico.

Ela cheirava a Paris. Ben lembrou-se dos cinco dias que lá tinha passado, na casa dos seus vinte anos, com muito pouco dinheiro e cheio de otimismo. Tinha-se apaixonado pela cidade — a beleza, os cheiros, o ar. Todos os anos prometia a si mesmo que iria regressar para encontrar o que quer que fosse que tivesse procurado.

— Gosto mais deles soltos — disse ele finalmente, e deixou ficar um pouco mais os dedos. — Quando esta tarde apareceu com eles presos, parecia remota, inacessível.

Ela ficou subitamente tensa; o tipo de tensão sexual entre homem e mulher que não sentia com ninguém há anos... nem quisera sentir. Continuava a não querer. — Profissional — corrigiu ela, e recuou um passo. — Sempre quer a tal bebida?

Ele ponderou fazer um longo e fino corte no controlo dela. Como seria? Mas se o fizesse, corria o risco de errar o alvo e de cortar o seu. — Tomamos uma no teatro. Há tempo suficiente para isso antes do início da peça.

— Vou buscar o meu casaco.

...

ELE PARECIA TÃO À VONTADE com o pessoal do Roof Terrace como tinha estado com o do pequeno bar enfumaçado na noite anterior. Tess observou a maneira como ele falava com um, cumprimentava outro; o à-vontade, a intimidade descontraída. Concluiu então que ele não era um solitário, a não ser quando decidia sê-lo.

Ela admirava alguém capaz de estar à vontade com as pessoas, sem se preocupar com as impressões, com as opiniões. Para se ser assim, primeiro era preciso estar-se à vontade consigo próprio. Por algum motivo, por mais satisfeita que estivesse com o seu modo de vida, ela ainda não tinha chegado lá.

Ben pegou no copo, esticou as pernas e olhou-a fixamente. — Já conseguiu compreender-me?

— Não completamente. — Ela tirou uma amêndoa da taça sobre a mesa e mastigou-a pensativamente. — Mas eu acho que você sim. Se mais pessoas se compreendessem como você se compreende, eu teria de procurar outro ramo de atividade.

— E você é muito boa no que faz. — Ben viu-a escolher outra amêndoa com dedos longos e esguios. Uma pérola antiga brilhava tenuemente na sua mão direita. — Foi oradora na cerimónia solene de entrega de diplomas de final de curso — começou ele, e viu a mão dela estacar. — Tem um consultório particular que está a prosperar demasiado depressa para você conseguir acompanhar. Acabou de recusar uma oferta para integrar o corpo psiquiátrico do hospital Bethesda Naval, mas exerce uma vez por semana na Clínica Donnerly, na região Sudoeste, de graça.

O pequeno resumo dele irritou-a. Tess estava habituada a saber mais sobre as pessoas com quem trabalhava do que elas sabiam sobre si. — Investiga sempre a vida das pessoas com quem sai, detetive?

— É um hábito — disse ele com descontração. — Você própria, ontem à noite, falou de curiosidade. O senador Jonathan Writemore é seu avô materno, ala centro-esquerda, franco, carismático, forte e determinado.

— Ele vai ficar satisfeito com a sua descrição.

— Perdeu os seus pais aos catorze anos de idade. Lamento. — Ergueu de novo o copo. — É sempre difícil perder alguém da família.

Ela reparou no tom, na empatia que lhe dizia que ele também perdera

alguém. — O meu avô foi muito importante para mim. Provavelmente eu não teria superado sem ele. Como é que descobriu tanta coisa?

— Os polícias não revelam as suas fontes. Li o seu perfil.

Ela ficou um pouco tensa, esperando uma crítica. — E?

— Você acha que o nosso homem é inteligente.

— Sim. Astuto. Deixa o que quer que vejamos, mas não deixa rasto.

Um momento depois, Ben anuiu com a cabeça. — O que diz faz sentido. Estou interessado em saber como chegou às suas conclusões.

Tess bebeu um gole da sua bebida antes de responder. Não iria indagar-se por que motivo era importante fazê-lo entender. Era simplesmente. — Eu analiso factos, o padrão que ele deixa. É evidente que é praticamente idêntico em todos os casos, ele não varia. Suponho que no seu ramo de atividade lhe chame M.O.

Ele sorriu um pouco enquanto anuía com a cabeça. — Exato.

— O padrão forma uma imagem, uma imagem psicológica. Você é treinado para procurar pistas, evidências, motivos e prender. Eu sou treinada para procurar razões, causas e depois tratar. Tratar, Ben — repetiu ela, fitando-o nos olhos. — Não julgar.

Ele levantou uma sobrancelha. — E acha que é isso que eu estou a fazer?

— Você quer apanhá-lo — disse ela simplesmente.

— Sim, quero apanhá-lo. Tirá-lo das ruas e enfiá-lo numa cela.

Ele esmagou lenta e metodicamente um cigarro. Era uma medida de controlo. Mas as suas mãos eram fortes.

— Quer que ele seja castigado. Eu compreendo isso, mesmo que não concorde.

— Você prefere abrir a cabeça dele e consertá-la. Céus! — Bebeu mais um bocado. — Não se deixe angustiar por causa de um homem destes.

— A compaixão faz parte da minha profissão — disse ela tensamente. — Ele está doente, desesperadamente doente. Se leu o meu perfil, e o entendeu, saberá que o que ele faz, faz com sofrimento.

— Ele estrangula mulheres. Se sofre por atar um nó à volta do pescoço delas, isso não as torna menos mortas. Eu sinto compaixão, Tess, pelos familiares daquelas mulheres, com que tive de falar. Sou obrigado a olhar para a cara deles quando me perguntam porquê. Não tenho resposta.

— Lamento. — Sem pensar, Tess pousou a mão sobre a dele e aper-

tou-a. — É um trabalho horrendo. Que nos mantém acordados de noite. Eu também já tive de falar com familiares... os que ficam atordoados e amargos depois de um suicídio. — Sentiu a mão dele ficar tensa e acariciou-a automaticamente. — Quando se fica acordado até às três da manhã, continua-se a ver as interrogações, e o sofrimento, nos olhos deles. Ben... — Inclinou-se para ele, sentindo a necessidade de o ter mais perto. — Neste caso, tenho de pensar como médica. Podia dar-lhe termos clínicos: transtorno impulsivo, psicose funcional. Independentemente do termo que possamos utilizar, continua a ser uma doença. Este homem não mata por vingança, nem por proveito, mas por desespero.

— E eu tenho de pensar como polícia. É meu dever detê-lo. É esse o objetivo final. — Ficou calado por um instante e depois pôs o copo de lado. — Falámos sobre o seu monsenhor Logan. O Harris ficou de pensar no assunto.

— Que bom. Obrigada.

— Não me agradeça. Não tenho muita fé na ideia.

Ela recuou com um pequeno suspiro. — Não temos nada em comum, pois não?

— Talvez não. — Mas ele lembrou-se da sensação da mão pequena e quente dela sobre a sua. — Talvez não tenhamos ainda encontrado.

— O que gosta de fazer num sábado à tarde? — perguntou ela abruptamente.

— Sentar-me com uma cerveja a ver um jogo de futebol.

Ela enrugou o nariz. — Por aí não. E música?

Ele sorriu. — O que é que tem?

— Do que é que gosta?

— Depende. Gosto de rock quando estou a conduzir, de jazz quando estou a beber e de Mozart nas manhãs de domingo.

— Estamos a aproximar-nos. E Jelly Roll Morton?

Surpreendido, ele sorriu outra vez. — Sim.

— E Springsteen?

— Ele conquistou-me com *The River*.

— Marvin Gaye?

Ben recostou-se e observou-a atentamente. — Se calhar temos por onde começar. — Roçou a perna na dela por debaixo da mesa. — Quer ir até minha casa, ouvir a minha coleção de discos?

— Detetive Paris... — Tess escolheu uma última amêndoa. — Psiquiatrias experientes não caem em frases feitas.

— E frases novas?

— Tais como?

— Venha jantar comigo depois do teatro e veremos quem consegue lembrar-se de mais letras antigas dos Beatles.

Ela exibiu-lhe um sorriso rápido, impulsivo e completamente diferente dos sorrisos que lhe tinha dirigido até então. — Você vai perder e está combinado.

— Conhece um tipo com o equivalente a dois mil dólares em coroas dentárias e um fato *Brooks Brothers*?

Ela franziu o sobrolho. — Isso é algum jogo?

— Tarde de mais. Ele vem aí.

— Quem... oh, olá, Frank.

— Tess, não esperava encontrar-te aqui. — Deu umas palmadinhas na mão da mulher magra e exótica que o acompanhava. — Lorraine, esta é a Dra. Tess Court, uma colega minha.

Evidentemente enfadada, e merecendo a compaixão de Tess, a mulher estendeu uma mão. — É um prazer conhecê-la. — Deslizou facilmente o olhar sobre Tess e fixou-o em Ben. — Olá.

O sorriso dele foi lento e, embora nunca tenha desviado os olhos do rosto dela, ele assimilou todos os pormenores. — Olá, sou o Ben.

— Tess, devias ter-me dito que vinhas. Teríamos feito uma festa — disse Frank.

Lorraine inclinou a cabeça enquanto olhava para Ben. Talvez a noite afinal tivesse salvação, pensou. — Há sempre tempo depois da peça.

— Certamente que sim — murmurou Ben, e ganhou um rápido pontapé de Tess por debaixo da mesa. O sorriso dele não vacilou. — Mas a Tess e eu vamos ter de acabar a noite mais cedo. Negócios.

— Desculpa, Frank, vai ter de ficar para outra vez. — Sabendo que era difícil escapar-lhe, Tess estava já a levantar-se. — Vemo-nos no consultório. Adeus, Lorraine.

— Aqui tem o chapéu, para quê tanta pressa? — balbuciou Ben enquanto a seguia.

— Se você soubesse o que eu sei, agradecia-me.

— O seu... colega tem melhor gosto no que toca a mulheres do que a gravatas.

— A sério? — Tess preocupou-se em alisar o casaco enquanto caminhavam. — Achei-a bastante óbvia.

— Pois. — Ben olhou por cima do ombro. — Pois, óbvia.

— Acho que alguns homens gostam de decotes e de pestanas postiças.

— Alguns homens são animais.

— Ela foi a segunda escolha dele — disse Tess sem pensar. — Eu rejeitei-o primeiro.

— Ah, sim? — Intrigado, Ben abrandou-lhe o passo ao colocar um braço sobre os ombros dela. — Ele convidou-a para a peça do Coward e você recusou?

— Exatamente.

— Sinto-me lisonjeado.

Ela olhou subitamente para ele. O ego dele não precisava de nenhuma ajuda. — Eu só aceitei sair consigo porque você não é perfeito.

— Hum. Quando é que ele a convidou?

— Ontem à tarde.

— Não me pareceu que ele tivesse ficado melindrado por você ter recusado o convite dele e depois ter vindo comigo.

Desconfortável, Tess mexeu-se debaixo do braço dele. — Eu disse-lhe que tinha um compromisso.

— Oh. Você mentiu.

Ele falou com tal prazer que ela não pôde deixar de rir. — Eu também não sou perfeita.

— Isso facilita as coisas.

A NOITE QUE BEN DISSERA que teria de terminar cedo terminou às duas da manhã quando percorriam o corredor de acesso ao apartamento de Tess. — Vou odiar-me amanhã de manhã — disse Tess com um bocejo.

— Ainda nem sequer a convidei para ir para a cama.

O bocejo terminou numa gargalhada sufocada. — Estava a pensar beber meia garrafa de vinho e dormir cinco horas. — Parou à porta e virou-se para se encostar nela. — Não estava à espera de me divertir tanto.

Nem ele. — E se tentássemos outra vez? Talvez não.

Ela pensou no assunto durante três segundos. — Está bem. Quando?

— Há um festival de cinema de homenagem ao Bogart amanhã à noite do outro lado da cidade.

— *Relíquia Macabra?*

— E *À Beira do Abismo*.

Ela sorriu, confortavelmente sonolenta. — Ok. — Quando ele se aproximou, ela estava à espera que ele fosse beijá-la. A ideia era agradável, algo bastante natural. O desejo de ser abraçada e tocada era humano. Os olhos semicerraram-se e o coração acelerou um bocadinho.

— Tem de substituir esta fechadura.

Ela abriu repentinamente os olhos. — O quê?

— Tess, a sua fechadura é uma piada. — Deslizou um dedo ao longo do nariz dela, satisfeito com a confusão que provocara. — Se mora num prédio sem segurança, era melhor ter uma fechadura de segurança na sua porta.

— Fechadura de segurança. — Com uma gargalhada fraca, endireitou-se e pegou nas chaves. — Não posso discutir com um agente da autoridade.

— É bom saber isso. — Ben colocou as mãos sobre as dela e beijou-a antes que ela tivesse tempo de se preparar novamente. Mais tarde, quando conseguisse pensar claramente outra vez, Tess avaliaria se ele teria planeado tudo.

Era tolice acreditar que um beijo tão doce e descontraído como aquele pudesse provocar-lhe arrepios. O sangue não ferveu realmente, nem a mente deambulou. Ela devia ter mais juízo, mas sentiu de qualquer modo. Tocando-lhe apenas nas mãos, ele puxou-a para baixo.

A boca dele era hábil, mas ela já suspeitara. Os lábios eram quentes, macios, e ele usou os dentes para acrescentar um pouco de excitação. Ben mordiscou-lhe levemente o lábio antes de deslizar a língua sobre a dela. Ela disse para si mesma que a culpa era da hora tardia, do vinho, da descontração, mas entregou-se ao momento sem a prudência que lhe era habitual.

Ele estivera à espera que ela fosse fria, um pouco altiva até. Não esperara o calor, a paixão, nem a doçura que transbordaram dela. Não esperara a intimidade imediata de amantes de longa data. Ele conhecia bem as mulheres... ou assim pensava. Tess era para si um mistério que precisava de ser desvendado.

O desejo era-lhe familiar, mais uma coisa que ele pensava entender bem. Mas Ben não se lembrava de alguma vez o ter atingido com tal intensidade, a ponto de lhe tirar o fôlego. Ele queria-a naquele instante, desesperadamente. Normalmente, teria prosseguido. Era natural. Mas, por razões que desconhecia por completo, resolveu afastar-se dela.

Por um momento, fitaram-se simplesmente.

— Isto pode ser um problema — conseguiu dizer alguns segundos depois.

— Pois. — Ela engoliu em seco e concentrou-se no metal frio das chaves que tinha na mão.

— Coloque a corrente de segurança, ok? Até amanhã.

Ela falhou, por milímetros, o buraco da fechadura à primeira tentativa e praguejou enquanto enfiava a chave à segunda. — Boa-noite, Ben.

— Boa-noite.

Ele esperou ouvir o clique da fechadura e o tilintar da corrente antes de virar costas e descer o corredor. Um problema, pensou ele novamente. Um diabo de problema.

ELE TINHA CAMINHADO DURANTE HORAS. Quando entrou no seu apartamento, estava tão cansado que quase não conseguia manter-se de pé. Nos últimos meses, apercebera-se de que só conseguia dormir profunda e serenamente, sem ser perturbado por sonhos, se primeiro se exaurisse.

Não era necessário acender a luz; conhecia o caminho. Ignorando a necessidade de descanso, passou pela porta do quarto. O sono só chegaria depois de completar aquele último dever. O quarto ao lado estava sempre trancado. Quando o abriu, inalou o suave perfume feminino das flores frescas que lá colocava diariamente. A batina de padre estava pendurada na porta do guarda-roupa. Sobre esta, o amicto era um rasgo de branco.

Acendeu um fósforo e depois uma vela, e depois outra e mais outra, até as sombras ondularem sobre a superfície imaculada do pano do altar.

No altar estava uma fotografia de uma jovem loura e sorridente, numa moldura prateada. A sua juventude, inocência e felicidade tinham sido captadas para sempre. As rosas cor-de-rosa tinham sido as suas flores preferidas e era o seu aroma natural que se misturava com o das velas ardentes.

Em molduras mais pequenas estavam as fotos de jornal cuidadosamente recortadas de três outras mulheres. Carla Johnson, Barbara Clayton e Francie Bowers. Entrelaçou os dedos e ajoelhou-se diante delas.

Havia tantas outras, pensou. Tantas. Ele tinha só começado.

4 .

O RAPAZ ESTAVA SENTADO EM frente de Tess, calado e sorumbático. Não se mexia, nem olhava pela janela. Raramente o fazia. Em vez disso, ficava sentado na cadeira a olhar para os próprios joelhos. As mãos estavam pousadas nas coxas, os dedos esguios, os nós um pouco dilatados dos estalidos nervosos. As unhas estavam roídas até ao sabugo. Sinais de ansiedade, embora muitas vezes as pessoas vivam razoavelmente bem com os seus tiques nervosos.

Era raro ele olhar para a pessoa com quem estava a falar, ou, mais precisamente no caso dele, para a pessoa que estava a falar com ele. Sempre que Tess conseguia que ele a olhasse nos olhos, sentia simultaneamente uma pequena vitória e um pequeno sobressalto. Conseguia ver tão pouco nos seus olhos, pois ele tinha aprendido, muito novo, a esconder e disfarçar. O que ela conseguia ver, quando lhe era dada aquela rara e rápida oportunidade de olhar, não era ressentimento, não era medo, apenas um vestígio de tédio.

A vida não tinha sido justa com Joseph Higgins Jr. e ele não ia correr o risco de receber outro golpe baixo. Na sua idade, quando os adultos tomavam as decisões, ele escolhia o isolamento e a não-comunicação como defesa contra a falta de opção. Tess conhecia os sintomas. Falta de emoção exterior, falta de motivação, falta de interesse. Uma carência.

De alguma forma, ela precisava de descobrir o gatilho que conseguis-

se primeiro fazê-lo voltar a preocupar-se consigo próprio e depois com o mundo que o rodeava.

Era velho de mais para ela jogar com ele e demasiado novo para o tratar como adulto. Tentara ambas as coisas e ele não aceitara nenhuma. Joey Higgins tinha-se instalado firmemente num espaço intermédio. A adolescência não era simplesmente difícil para ele, era miserável.

Ele usava umas boas calças de ganga, com os botões de braguilha destacados nos populares anúncios, e uma sweatshirt cinzenta com a tartaruga da universidade de Maryland a sorrir-lhe no peito. Os caríssimos *Nike* de pele estavam na moda e eram novos. O cabelo castanho-claro estava cortado em pontas moderadas em torno de um rosto demasiado magro. Exteriormente, parecia um menino normal de catorze anos. Tinha todos os adornos típicos. Por dentro, era um labirinto de confusão, de ódio próprio e de amargura que Tess sabia que não tinha sequer começado a vislumbrar.

Era uma pena que, em vez de ser uma confidente, um muro de lamentações, ou até uma folha de papel em branco para ele, ela não passasse de mais uma figura de autoridade na vida dele. Se, pelo menos uma vez, ele tivesse explodido e gritado, ou discutido, com ela, Tess teria sentido que as sessões estavam a progredir. Ele tinha-se mantido educado e impassível durante todas elas.

— Como tem corrido a escola, Joey?

Ele não encolheu os ombros. Era como se até esse movimento pudesse denunciar alguns dos sentimentos que mantinha tão bem trancados dentro de si. — Bem.

— Bem? Eu pensava que era sempre um bocado complicado quando se troca de escola. — Ela tinha lutado contra isso, tinha feito tudo o que estava ao seu alcance para convencer os pais a não fazerem uma mudança tão radical naquele ponto do tratamento dele. Más companhias, tinham alegado. Iam afastá-lo das pessoas que o influenciavam, de quem o tinha arrastado para o álcool, para um breve encontro com as drogas, e para uma igualmente rápida, mas mais preocupante, relação com o oculto. Os pais só tinham conseguido afastá-lo e destruir-lhe um pouco mais a autoestima.

Não tinham sido as companhias, más ou outras, que haviam arrastado Joey para qualquer uma dessas viagens. Tinha sido a sua depressão profunda e a procura por uma resposta que ele poderia julgar ser completa e unicamente sua.

Como já não encontravam charros nas gavetas da cómoda, nem sentiam cheiro a álcool no seu hálito, os pais estavam confiantes de que ele começava a recuperar. Não eram capazes, ou não queriam, ver que ele continuava a afundar-se rapidamente. Ele tinha simplesmente aprendido a interiorizar tudo.

— As escolas novas podem ser uma aventura — continuou Tess quando não recebeu resposta. — Mas é complicado ser o aluno novo.

— Não é nada de mais — murmurou ele, e continuou a olhar para os joelhos.

— É bom saber isso — disse ela, embora soubesse que era mentira. — Eu tive de mudar de escola quando tinha a tua idade e senti um medo de morte.

Ele levantou então os olhos, sem acreditar, mas interessado. Tinha olhos castanhos-escuros que deveriam ser eloquentemente expressivos. Em vez disso, eram prudentemente atentos. — Não há razão para medo, é só uma escola.

— Porque não me falas dela?

— É só uma escola.

— E os outros miúdos? Alguém interessante?

— São quase todos uns parvos.

— Oh! Porquê?

— Costumam andar aos grupos. Não há ninguém que eu queira conhecer.

Ninguém que ele conhecesse, corrigiu Tess. A última coisa de que ele precisava naquele momento era sentir-se rejeitado pela escola, depois de ter perdido os colegas de turma a quem estava adaptado. — É preciso tempo para fazer amigos verdadeiros. É mais difícil estar sozinho, Joey, do que tentar fazer amigos.

— Eu não queria ser transferido.

— Eu sei. — Ela estava do lado dele nesse ponto. Alguém tinha de estar. — E sei que é complicado uma pessoa sentir que pode ser empurrada de um lado para o outro sempre que as pessoas que fazem as regras decidem alterá-las. Nem sempre é assim, Joey. Os teus pais escolheram essa escola porque queriam o melhor para ti.

— Você não queria que eles me tirassem de lá. — Levantou de novo os olhos, mas tão rapidamente que ela mal conseguiu ver-lhes a cor. — Ouvi a mãe a falar.

— Como tua médica, achei que poderias sentir-te mais confortável na tua escola antiga. A tua mãe ama-te, Joey. Transferir-te não foi um castigo, mas uma forma de tentar melhorar as coisas para ti.

— Ela não queria que eu estivesse com os meus amigos. — Mas ele não disse isto com amargor, apenas com conformismo. Não tinha opção.

— O que pensas disso?

— Ela tinha receio de que, se eu andasse com eles, recomeçasse a beber. Eu já não bebo — disse ele, não com ressentimento, não com amargor, mas com cansaço.

— Eu sei — disse Tess, e pousou uma mão no braço dele. — Deves orgulhar-te por teres conseguido isso, por teres tomado a opção certa. Eu sei o quanto tens de te esforçar todos os dias para não beberes.

— A mãe está sempre a pôr as culpas de coisas que acontecem nos outros.

— Que coisas?

— Coisas.

— Como o divórcio? — Como habitualmente, a menção do assunto não provocou qualquer tipo de reação. Tess recuou. — O que achas de não precisares mais de andar de autocarro?

— Os autocarros são uma porcaria.

— Agora é a tua mãe que te leva à escola.

— Pois.

— Falaste com o teu pai?

— Ele anda ocupado. — Olhou para Tess com uma ponta de ressentimento misturada com súplica. — Ele tem um emprego novo num lugar com computadores, mas eu vou passar o fim de semana com ele, provavelmente no próximo mês. Para a Ação de Graças.

— O que pensas disso?

— Vai ser bom. — O menino apareceu por breves instantes, resplandecendo de esperança. — Vamos ao jogo dos Redskins. Ele vai comprar bilhetes para os lugares em frente do meio-campo. Vai ser como era antigamente.

— Como era antigamente, Joey?

Ele voltou a olhar para os joelhos, mas as sobrancelhas tinham-se unido com a raiva.

— É importante compreender que as coisas não vão ser como eram antigamente. Ser diferente não significa ser pior. Por vezes a mudança, mes-

mo quando é difícil, pode ser o melhor para todos. Eu sei que amas o teu pai. Não precisas de deixar de o amar só porque não estás a viver com ele.

— Ele já não tem casa. Só um quarto. Ele disse que, se não precisasse de pagar pensão, podia ter uma casa.

Ela teve vontade de mandar o Sr. Joseph Higgins para o inferno, mas manteve a voz firme e suave. — Entendes que o teu pai tem um problema, Joey. Não és tu o problema. É o álcool.

— Nós temos uma casa — resmungou ele.

— Se não tivessem, achas que o teu pai ficaria mais feliz?

Ele não respondeu. Agora estava a fitar os sapatos.

— Ainda bem que vais passar algum tempo com o teu pai. Eu sei que tens saudades dele.

— Ele tem andado ocupado.

— Pois. — Demasiado ocupado para ver o filho, demasiado ocupado para responder aos telefonemas da psiquiatra que estava a tentar curar as feridas. — Às vezes os adultos veem-se envolvidos em situações bastante complicadas. Deves entender o quão difícil estão as coisas para o teu pai agora, num novo emprego, porque também estás numa escola nova.

— Vou passar um fim de semana com ele no próximo mês. A mãe disse para eu não contar com isso, mas eu vou.

— A tua mãe não quer que fiques desiludido, se acontecer algum imprevisto.

— Ele vem buscar-me.

— Espero que sim, Joey. Mas se ele não o fizer... Joey... — Tess tocou-lhe uma vez mais no braço e, por pura força de vontade, atraiu o olhar dele. — Se ele não o fizer, tens de perceber que não é por tua causa, mas por causa da doença dele.

— Pois.

Ele concordava porque concordar era a forma mais rápida de evitar complicações. Tess sabia isso e desejava conseguir convencer os pais de que ele precisava de tratamento mais intensivo.

— Foi a tua mãe que te trouxe hoje?

Ele continuou a olhar para baixo, mas a raiva, pelo menos exteriormente, tinha desaparecido. — Foi o meu padrasto.

— Continuas a dar-te bem com ele?

— Ele é fixe.

— Sabes, o facto de gostares dele não significa que gostes menos do teu pai.

— Eu disse que ele é fixe.

— Há raparigas bonitas na tua escola nova? — Ela queria arrancar-lhe um sorriso de qualquer tamanho, de qualquer tipo.

— Acho que sim.

— Achas? — Talvez tenha sido o sorriso na voz de Tess que o tenha feito levantar de novo os olhos. — A mim parece-me que tens bons olhos.

— Talvez haja uma ou duas. — Os lábios curvaram ligeiramente. — Não presto muita atenção.

— Bem, tens tempo para isso. Vens à consulta na próxima semana?

— Acho que sim.

— Entretanto, podes fazer-me um favor? Eu disse que tinhas bons olhos. Olha para a tua mãe e para o teu padrasto. — Ele virou a cabeça, mas ela segurou-lhe na mão. — Joey... — Tess esperou que aqueles olhos inescrutáveis voltassem a fitar os seus. — Olha para eles. Eles estão a tentar ajudar. Podem cometer erros, mas estão a tentar porque se preocupam contigo. Muitas pessoas preocupam-se contigo. Ainda tens o meu número, não tens?

— Sim, acho que tenho.

— Sabes que podes ligar-me se quiseres conversar antes da próxima semana.

Ela acompanhou-o à porta do gabinete e viu o padrasto levantar-se e dirigir um largo sorriso a Joey. Era um homem de negócios bem-sucedido, pacato e educado. Era a antítese do pai de Joey. — Já estás despachado? — Olhou de relance para Tess e não havia sorriso, apenas tensão na sua expressão. — Como vai, Dra. Court?

— Muito bem, Sr. Monroe.

— Que bom. E se fôssemos buscar comida ao chinês e fizessemos uma surpresa à tua mãe, Joey?

— Está bem. — Vestiu o blusão da escola que já não frequentava. Deixando-o aberto, virou-se para trás e fitou um ponto acima do ombro direito de Tess. — Adeus, Dra. Court.

— Adeus, Joey. Até à próxima semana.

Estavam a alimentá-lo, pensou ela ao fechar a porta do gabinete. E ele estava a morrer de fome. Estavam a vesti-lo, mas ele continuava com

frio. Ela tinha a chave, mas tinha ainda de conseguir girá-la para abrir a fechadura.

Com um suspiro, regressou à sua secretária.

— Dra. Court?

Tess atendeu o interfone quando guardava o dossier de Joey Higgins na pasta ao lado da secretária. — Sim, Kate.

— Teve três chamadas enquanto estava em consulta. Uma do *Post*, outra do *Sun* e outra da WTTG.

— Três jornalistas? — Tess tirou um brinco para massajar delicadamente o lóbulo da orelha.

— Os três queriam confirmação da sua ligação aos homicídios do Padre.

— Raios. — Deixou cair o brinco em cima da mesa. — Não estou disponível para comentar, Kate.

— Sim, senhora.

Lentamente, Tess voltou a prender o brinco. Tinham-lhe prometido anonimato. Fizera parte do acordo com o gabinete do presidente da Câmara. Nada de imprensa, nada de alarido, nada de comentários. O presidente da Câmara tinha-lhe garantido pessoalmente que ela poderia trabalhar sem qualquer pressão da imprensa. Não valia a pena culpar o presidente da Câmara, lembrou Tess a si mesma quando se levantou para se dirigir à janela. Tinha havido uma fuga de informação e ela teria de lidar com isso.

Não gostava de notoriedade. Era esse o seu problema. Gostava de uma vida simples e privada. Esse era mais um dos seus problemas. O bom senso tinha-lhe dito que a investigação viria a público antes de estar concluída, mas, ainda assim, ela aceitara o trabalho. Se estivesse a aconselhar um dos seus pacientes, dir-lhe-ia para enfrentar a realidade e lidar com ela passo a passo.

Lá fora, o trânsito da hora de ponta começava a intensificar-se. Ouviam-se algumas buzinas, mas o som chegava abafado pelo vidro e pela distância. Joey Higgins estava ali, a caminho do restaurante chinês com o padrao em que se recusava confiar e que se recusava amar. Os bares estavam a postos para servirem os que iam beber um copo rápido antes do jantar. As creches esvaziavam-se e muitas mães trabalhadoras, pais solteiros e papás exaustos apanhavam os seus filhos e seguiam nos seus *Volvos* e *BMW* por entre magotes de outros *Volvos* e *BMW* apenas com uma coisa em mente: chegar a casa, à segurança e aconchego do lar. Era improvável que algum

deles prestasse atenção a qualquer outra pessoa ali presente. Alguém com uma pequena bomba mortífera pronta a rebentar dentro da cabeça.

Por um momento ela desejou poder juntar-se a eles naquela fácil rotina de final de dia e pensar apenas num jantar quente, ou na conta do dentista. Mas o dossier do Padre já estava dentro da sua pasta.

Tess voltou atrás e pegou na pasta. O primeiro passo era ir para casa e certificar-se de que todas as chamadas recebidas passariam pelo serviço de atendimento automático.

— QUEM É QUE CEDEU a informação? — perguntou Ben, e soprou uma coluna de fumo.

— Ainda estamos a investigar. — Harris encontrava-se sentado à secretária, a estudar os agentes designados para trabalharem no caso. Ed estava esparramado numa cadeira a passar um pacote de sementes de girassol de uma mão para a outra. Bigsby, com o seu grande rosto corado e mãos robustas, batia com o pé. Lowenstein estava ao lado de Ben com as mãos nos bolsos. Roderick sentava-se direito na cadeira com as mãos cruzadas sobre o colo. Ben parecia prestes a arreganhar os dentes e a rosnar à primeira palavra errada.

— O que temos de fazer agora é lidar com a situação. A imprensa sabe que a Dra. Court está envolvida. Em vez de a bloquearmos, vamos usá-la.

— Há semanas que somos martelados na imprensa, comandante — disse Lowenstein. — As coisas começavam a abrandar.

— Eu leio os jornais, detetive — disse ele calmamente. Bigsby ajeitou-se na cadeira, Roderick pigarreou e Lowenstein calou-se.

— Vamos convocar uma conferência de imprensa para amanhã de manhã. O gabinete do presidente da Câmara vai entrar em contacto com a Dra. Court. Paris, Jackson... como chefes de equipa, quero-vos lá. Sabem quais são as informações que podemos passar à imprensa.

— Não temos nada de novo para lhes dar, comandante — salientou Ed.

— Façam soar a novidade. A Dra. Court deve bastar para os satisfazer. Marca a reunião com o tal monsenhor Logan — acrescentou, olhando de novo para Ben. — E mantém isto em sigilo.

— Mais psiquiatras. — Ben apagou o cigarro. — A primeira não disse nada que não soubéssemos.

— Ela disse-nos que ele tem uma missão — referiu Lowenstein em

voz baixa. — Que embora as coisas andem tranquilas há algum tempo, não é provável que ele já a tenha concluído.

— Ela disse-nos que ele anda a matar mulheres jovens e louras — respondeu Ben com brusquidão. — Nós já tínhamos chegado a essa conclusão.

— Tem calma, Ben — murmurou Ed, sabendo que a cólera iria ser despejada sobre si.

— Tem tu calma! — As mãos dentro dos bolsos de Ben cerraram-se em punhos. — O filho da mãe só está à espera de estrangular a próxima mulher que esteja no lugar errado, à hora errada, e nós andamos aqui a falar com psiquiatras e padres. Estou-me nas tintas para a alma, ou para a mente dele!

— Talvez devêssemos preocupar-nos com isso. — Roderick olhou primeiro para o comandante e de seguida para Ben. — Olha, eu sei como te sentes, como suponho que todos nos sentimos. Só queremos apanhá-lo. Mas todos lemos o perfil da Dra. Court. Não estamos a lidar com alguém que anda apenas atrás de sangue por diversão. Se queremos fazer o nosso trabalho, acho que é melhor compreendermos quem ele é.

— Viste bem as fotos da morgue, Lou? Sabemos quem elas são. Quem foram.

— Muito bem, Paris. Se queres soltar mais vapor, vai até ao ginásio. — Harris esperou um momento, captando a atenção de todos apenas com o seu sentido de autoridade. Tinha sido um bom agente de rua. Era ainda melhor atrás da secretária. Saber isso deprimia-o apenas de vez em quando. — A conferência de imprensa está marcada para as oito da manhã, no gabinete do presidente da Câmara. Quero o relatório da reunião com o monsenhor Logan em cima da minha mesa amanhã. Bigsby, continua a investigar a proveniência dos malditos amictos. Lowenstein, Roderick, tornem a interrogar a família e os amigos das vítimas. Agora saiam daqui e vão comer alguma coisa.

Ed esperou que todos tivessem saído, percorrido os corredores e estivessem a atravessar o parque de estacionamento.

— Não te está a fazer bem nenhum descarregares o que aconteceu ao teu irmão em cima da Dra. Court.

— O Josh não tem nada a ver com isto. — Mas a dor continuava presente. Ele não conseguia dizer o nome do irmão sem sentir um nó de angústia na garganta.

— Exatamente. E a Dra. Court está só a cumprir o seu trabalho, como todos nós.

— Tudo bem. Mas eu não acho que o trabalho dela tenha alguma ligação com o nosso.

— A psiquiatria forense tornou-se uma ferramenta de trabalho viável no...

— Ed, por amor de Deus, tens de deixar de ler aquelas revistas.

— Se deixamos de ler, deixamos de aprender. Queres ir apanhar uma bebedeira?

— Isso vindo de um tipo que anda com sementes de girassol no bolso. — Ele continuava a sentir tensão ao longo do pescoço. Tinha perdido um irmão, mas Ed aparecera e praticamente preencherá esse vazio. — Esta noite, não. De qualquer forma, fico envergonhado quando pedes para juntarem aquele sumo de fruta todo à vodka.

— Um homem tem de pensar na sua saúde.

— E também tem de pensar na reputação. — Ben abriu a porta do carro, mas deixou-se ficar parado a agitar as chaves.

Estava uma noite fria. Suficientemente fria para uma pessoa conseguir ver a própria respiração. Se chovesse antes do amanhecer, como anunciava o céu nublado, seria junto com neve. Nas suas bonitas casas de tetos altos, os abastados de Georgetown acenderiam as suas lareiras, beberiam *Irish Coffee* e desfrutariam do calor das chamas. Os que deambulavam pelas ruas teriam uma noite desagradável.

— Ela perturba-me — disse abruptamente Ben.

— É natural que uma mulher daquelas perturbe um gajo.

— Não é assim tão simples. — Ben entrou no carro e desejou conseguir entender exatamente o que se passava. — Vou buscar-te amanhã. Sete e meia.

— Ben. — Ed debruçou-se, impedindo a porta de se fechar. — Dá-lhe cumprimentos meus. — Ben fechou o resto da porta e carregou no acelerador. Os parceiros conheciam-se demasiadamente bem.

TESS DESLIGOU O TELEFONE E, com os cotovelos apoiados na mesa, pressionou os punhos contra os olhos. O Sr. Joseph Higgins precisava tanto de terapia como o filho, mas estava demasiado concentrado em destruir a sua vida para perceber isso. O telefonema não tinha resolvido nada. Mas, vendo bem, conversas com alcoólicos embriagados raramente resolviam

alguma coisa. Ele limitara-se a chorar quando ela lhe falara no filho, e prometera atabalhoadamente telefonar-lhe no dia seguinte.

Não o faria, pensou Tess. O mais provável era ele não se lembrar sequer da conversa na manhã seguinte. O tratamento que estava a fazer com Joey dependia do pai, e o pai estava agarrado à garrafa; a mesma garrafa que lhe tinha destruído o casamento, feito perder inúmeros empregos e o tinha deixado só e miserável.

Se ela conseguisse convencê-lo a ir a uma reunião dos AA, conseguisse convencê-lo a dar o primeiro passo... Tess soltou um enorme suspiro e baixou as mãos. Não lhe havia explicado a mãe de Joey quantas vezes tinha tentado, quantos anos tinha dedicado a tentar afastar Joseph Higgins da garrafa?

Tess entendia o rancor da mulher e respeitava a sua determinação em prosseguir com a sua vida e enterrar o passado. Mas Joey não era capaz. Durante toda a sua infância, a mãe protegera-o contra a doença do pai. Inventara desculpas para as chegadas tardias a casa e para os empregos perdidos, por acreditar que a verdade devia ser escondida do menino.

Enquanto criança, Joey vira demasiado, escutara ainda mais e depois pegara nas explicações e nas desculpas da mãe e construía um muro de mentiras em torno do pai. Mentiras nas quais estava decidido a acreditar. Se o pai bebia, então beber era fixe; fixe suficiente para aos catorze anos Joey estar a ser tratado por alcoolismo. Se o pai perdia o emprego, era porque o patrão era invejoso. Entretanto, as notas de Joey na escola baixavam cada vez mais à medida que o seu respeito pela autoridade e por si próprio diminuía.

Quando a mãe de Joey deixara de ser capaz de tolerar a bebida e surgira a separação, as mentiras, as promessas não cumpridas e anos de ressentimento tinham vindo à tona. Ela tinha despejado os defeitos do pai em cima do filho numa tentativa desesperada de o fazer ver os erros e de não a culpar. Claro está que Joey não a tinha culpado, nem ao pai. Havia apenas uma pessoa que Joey podia culpar: a si mesmo.

A família desfizera-se, ele fora levado da casa onde tinha crescido e a mãe passara a trabalhar fora. Ele tinha ficado sem rumo. Quando a Sra. Higgins tornara a casar-se, tinha sido o padrasto de Joey quem havia insistido para que ele consultasse um psiquiatra. Quando Tess começara a ver Joey, ele tinha já convivido com treze anos e meio de culpa, de ressentimento e de sofrimento. Após dois meses de consultas em privado, e de consultas

familiares bimensais com a mãe e o padrasto, ela mal conseguira arranhar a armadura que ele usava.

A raiva dominou-a tão rapidamente que ela teve de se concentrar vários minutos a tentar combatê-la. Não era sua função enraivecê-se, mas sim escutar, questionar e apresentar opções. Podia sentir compaixão, mas não raiva. A raiva começava a ser reprimida pelo controlo com que ela nascera e que se tinha tornado uma ferramenta profissional. Ela tinha vontade de pontapear alguma coisa, de bater nalguma coisa, de acabar de alguma forma com aquela horrível sensação de impotência.

Em vez disso, pegou no dossier de Joey e começou a fazer mais anotações sobre a sessão daquela tarde.

Tinham começado a cair uns fiapos de neve. Tess pegou nos óculos, mas não olhou pela janela, não viu o homem no passeio do outro lado da rua a observar a luz no seu apartamento. Se tivesse olhado, se tivesse visto, não teria dado importância.

Tal como quando lhe bateram à porta ela não sentiu mais nada a não ser a irritação de estar a ser interrompida. O telefone tinha estado a tocar sem parar, mas ela conseguira ignorá-lo e deixar que o serviço automático atendesse. Se algum dos telefonemas fosse de um paciente, o *pager* ao seu lado teria tocado. Tess calculava que as chamadas estivessem todas relacionadas com o artigo do jornal da tarde, que a ligava à investigação dos homicídios.

Deixando o dossier aberto, Tess dirigiu-se à porta. — Quem é?

— Paris.

Muita coisa se podia perceber pelo tom de uma voz, mesmo através de uma só palavra. Tess abriu a porta, sabendo que a abria a um confronto. — Detetive. Não é um pouco tarde para uma visita oficial?

— Mesmo a tempo para o noticiário das onze. — Ben entrou e ligou o televisor dela.

Ela não se tinha afastado da porta. — Não tem TV em casa?

— É mais divertido assistir a um circo com companhia.

Ela fechou a porta, suficientemente irritada para a deixar bater. — Olhe, eu estou a trabalhar. Porque não diz o que tem a dizer e me deixa continuar?

Ele olhou para a mesa dela, para os dossiers abertos e para os grandes óculos de leitura largados em cima da papelada. — Isto não vai demorar.

— Ele não se sentou, mas deixou-se ficar de pé com as mãos nos bolsos a ver a introdução dos pivôs do noticiário. Foi a bonita morena de rosto em formato de coração quem leu a notícia de destaque da noite.

— O gabinete do presidente da Câmara confirmou hoje que a Dra. Teresa Court, uma conhecida psiquiatra de Washington, se juntou à equipa de investigação dos homicídios do Padre. Não conseguimos obter qualquer comentário da Dra. Court, neta do senador veterano Jonathan Writemore. A polícia suspeita que os assassinatos de pelo menos três mulheres estejam relacionados com o assassino apelidado de Padre por causa do uso de um amicto, uma fita larga usada em cerimónias pelos padres da Igreja Católica Romana, para estrangular as suas vítimas. A polícia dá continuação a uma investigação que teve início em agosto passado, agora com o auxílio da Dra. Court.

— Nada mal — murmurou Ben. — O seu nome foi mencionado três vezes. — Nem sequer pestanejou quando Tess avançou a passos largos e desligou o televisor.

— Vou repetir, diga o que tem a dizer.

A voz dela estava calma. Ele tirou um cigarro, decidido a igualá-la. — Temos uma conferência de imprensa amanhã às oito no gabinete do presidente da Câmara.

— Fui notificada.

— Deve fazer comentários de ordem geral e manter-se o mais longe possível dos detalhes do caso. A imprensa tem conhecimento da arma do crime, mas conseguimos manter em segredo os bilhetes e o seu conteúdo.

— Não sou tola, Ben. Sei dar conta de uma entrevista.

— Estou certo que sim. Acontece que esta é sobre questões do departamento e não sobre glória pessoal.

Tess abriu a boca, mas só conseguiu silvar. Ela sabia que era tanto indigno como inútil perder as estribeiras. Sabia que uma afirmação tão ridícula e amarga não merecia resposta. Sabia que ele, que estava ali a julgá-la, não merecia nada a não ser o mais frio e controlado dos desdêns.

— Imbecil preconceituoso de mente tacanha. — O telefone dela voltou a tocar, mas ignoraram-no ambos. — Quem é que você pensa que é, para vir para aqui atirar as suas pequenas preciosidades de idiotice?

Ele olhou em redor à procura de um cinzeiro e decidiu-se por um pequeno prato pintado à mão. Ao lado estava uma jarra com crisântemos frescos outonais. — Que preciosidade é essa?

Ela estava hirta como um soldado, enquanto ele estava descontraído e sacudia cinzas para dentro do prato. — Vamos esclarecer uma coisa. Não fui eu quem falou deste assunto à imprensa.

— Ninguém disse que tinha sido.

— Não? — Tess enfiou as mãos nos bolsos da saia com que tinha trabalhado catorze horas. Doíam-lhe as costas, o estômago estava vazio e ela queria aquilo que se esforçava tanto por dar aos seus pacientes: paz de espírito. — Bem, eu interpreto esta cena de outra forma. Na realidade, prometeram-me que o meu nome nunca seria vinculado a esta investigação.

— Tem algum problema em que as pessoas saibam que está a colaborar com a polícia?

— Ah, você é esperto, não é?

— Tremendamente — respondeu ele, fascinado com a total falta de controlo dela. Tess andava de um lado para o outro enquanto falava e os olhos tinham escurecido para o roxo. A raiva nela era rígida e glacial, diferente do estilo explosivo e descontrolado a que estava mais habituado. Tornava-a ainda mais interessante.

— Você tem resposta para tudo o que eu digo. Alguma vez lhe passou pela cabeça, detetive, que eu posso não querer que os meus pacientes, os meus colegas e os meus amigos me façam perguntas acerca deste caso? Alguma vez lhe passou pela cabeça que eu não quisesse aceitar o caso?

— Então porque aceitou? O pagamento é uma miséria.

— Porque me convenceram de que poderia ajudar. Se não continuasse a acreditar nisso, dir-lhe-ia para pegar no seu caso e o enfiar pela goela abaixo. Acha que quero perder o meu tempo a discutir com um autointitulado juiz, de mente tacanha, sobre a moralidade da minha profissão? Já tenho problemas que cheguem, não preciso que me traga mais.

— Problemas, doutora? — Ben olhou em redor, para as flores, o cristal, os tons pastel. — As coisas parecem-me bastante arrumadinhas por aqui.

— Você não sabe nada de mim, nem da minha vida, nem do meu trabalho. — Tess dirigiu-se à mesa, apoiou as mãos no tampo, mas continuou sem conseguir recuperar o controlo. — Vê estes dossiers? Estes papéis? Estas gravações? Está aqui a vida de um menino de catorze anos. Um menino que já é um alcoólico, um menino que precisa de alguém que consiga abri-lo o suficiente para que seja capaz ver o seu próprio valor, o seu lugar.

— Virou-se outra vez, com olhos escuros e ardentes. — Sabe o que é tentar salvar uma vida, não sabe, detetive? Sabe o quanto dói, o quanto assusta? Talvez eu não use uma arma, mas é exatamente isso que estou a tentar fazer. Passei dez anos da minha vida a tentar aprender como. Talvez, com tempo suficiente, com talento e sorte suficientes, eu seja capaz de o ajudar. Raios! — Ela parou, apercebendo-se do quão longe se tinha deixado levar por algumas palavras. — Eu não tenho de lhe justificar nada.

— Pois não, não tem. — Enquanto falava, apagou o cigarro no pequeno prato de porcelana. — Desculpe. Passei dos limites.

A respiração de Tess saiu entrecortada, enquanto ela tentava recuperar o controlo. — Porque é que o que eu faço o deixa tão azedo?

Ele não estava preparado para lhe dizer, para revelar aquela antiga cicatriz para inspeção e análise. Em vez disso, pressionou os dedos sobre os olhos cansados. — Não é você. É isto tudo. Faz-me sentir como se estivesse a caminhar sobre uma corda bamba a uma altura gigantesca.

— Acho que sou capaz de aceitar isso. — Embora não fosse a resposta completa, nem a que ela desejara. — É difícil manter-me objetiva neste momento.

— Recuemos um pouco. Eu não tenho grande predileção pelo que você faz, e acho que você sente o mesmo em relação ao que eu faço.

Ela pensou por um momento e depois anuiu com a cabeça. — Concordo.

— Vamos ter de lidar com isso. — Aproximou-se da mesa dela e pegou na chávena meio cheia de café. — Tem disto quente?

— Não. Posso fazer.

— Deixe estar. — Levantou a mão para massajar a tensão acumulada acima das sobrancelhas. — Olhe, peço desculpa. Parece que andamos sem sair do mesmo sítio e a única coisa que conseguimos foi uma fuga de informação para a imprensa.

— Eu sei. Você pode não conseguir compreender, mas agora eu estou tão envolvida como vocês e sinto-me igualmente responsável. — Fez de novo uma pausa, mas desta vez sentiu uma afinidade, uma empatia. — É a parte mais difícil, não é? Sentirmo-nos responsáveis.

Ela era extremamente boa no que fazia, pensou Ben enquanto se encostava à mesa. — Não consigo livrar-me da sensação de que ele está prestes a atacar de novo. E nós estamos longe de o encontrar, doutora. Podemos ludibriar um bocado a imprensa amanhã, mas temos de engolir o facto de

não termos nenhuma pista. O facto de você me dizer o motivo que o leva a matar não vai ajudar a próxima mulher que ele atacar.

— Eu só posso dizer-lhe como ele me parece interiormente, Ben.

— E eu tenho de lhe dizer que me estou nas tintas para isso. — Voltou costas à mesa e virou-se de frente para ela. Tess tinha recuperado a calma. Ele conseguia perceber isso olhando apenas para os seus olhos. — Quando o apanharmos, e vamos apanhar, eles vão pegar nesse seu perfil psiquiátrico, vão mandar fazer outros e depois vão colocá-la, ou a outro psiquiatra qualquer, no banco das testemunhas e ele vai safar-se.

— Ele vai ser internado num hospital psiquiátrico. Isso não é peradoce, Ben.

— Até uma equipa de médicos diagnosticar que ele está curado.

— Não é assim tão simples. Você conhece melhor a lei. — Tess passou uma mão pelos cabelos. Ele estava certo e ela também. Isso só tornava as coisas mais difíceis. — Não se prende uma pessoa por ter cancro, por não conseguir controlar a desintegração do próprio corpo. Como se pode castigar alguém sem levar em consideração a desintegração da sua mente? Ben, a esquizofrenia incapacita mais pessoas, durante mais tempo, do que o cancro. Há centenas de milhares de pessoas confinadas em hospitais. Não podemos virar-lhes as costas, nem queimá-las como bruxas por causa de um desequilíbrio químico que têm no cérebro.

Ele não estava interessado em estatísticas, nem em motivos, apenas em resultados. — Você já disse uma vez que a demência é um termo jurídico. Louco, ou não, ele tem os seus direitos civis e terá direito a um advogado, e esse advogado irá usar esse termo jurídico. Eu gostava de ver junto daquelas três famílias, depois do julgamento, a falar-lhes de desequilíbrios químicos. Gostava de ver se conseguia convencê-las de que foi feita justiça.

Ela já tinha prestado assistência a familiares de vítimas e conhecia muito bem a sensação de traição e de angustiante impotência. Era uma impotência que, se não fosse controlada, podia atingir o médico. — É você quem tem a espada, Ben. Não eu. Eu só tenho palavras.

— Pois. — Ele também as tinha tido e tinha-as usado de uma forma de que não se orgulhava. Tinha de sair dali, de ir para casa. Quem lhe dera ter um brandy e uma mulher à sua espera. — Vou marcar hora com o monsenhor Logan amanhã. Você deve querer estar presente.

— Sim. — Tess cruzou os braços e perguntou-se por que motivo uma

explosão de nervos a deixaria sempre tão deprimida. — Tenho consultas o dia todo, mas posso cancelar a das quatro horas.

— Não é loucura a mais?

Como ele tinha feito um esforço, ela também fez e sorriu. — Vamos deixar passar essa.

— Vou ver se consigo marcar para as quatro e meia. Depois alguém lhe liga a informar.

— Muito bem. — Parecia não haver mais nada a dizer, e talvez mais a dizer do que algum deles era capaz de reconhecer. — Tem a certeza que não quer café?

Ele queria café e, mais do que isso, queria sentar-se com ela a conversar sobre mais nada a não ser do que estava a aproximá-los. — Não, tenho de ir. As ruas já estão uma confusão.

— Oh? — Ela olhou para a janela e reparou na neve.

— Quando não vê o que se passa do outro lado da sua janela, é porque anda a trabalhar de mais, doutora. — Encaminhou-se para a porta. — Não colocou a tal fechadura de segurança.

— Pois não.

Ele virou-se com a mão na maçaneta. Queria mais ficar com ela do que o tal brandy e a tal mulher imaginária. — O Bogart foi bom na outra noite?

— Sim, foi bom.

— Talvez devêssemos repetir noutro dia.

— Talvez.

— Até breve, doutora. Ponha a corrente.

Ben fechou a porta, mas não se afastou até ouvir o barulho da corrente a ser colocada.

5 .

ED DESCIA A 16TH STREET a baixa velocidade. Ele gostava tanto de conduzir em ritmo de passeio — bem, quase tanto —, como de fazer os pneus chiarem. Para um homem simples e relativamente pacato, acelerar pelas ruas em perseguição era um pequeno vício.

Ao seu lado, Ben estava silencioso. Normalmente, Ben já teria feito alguns comentários trocistas acerca da condução de Ed, que era uma piada departamental. O facto de Ben não dizer nada acerca disso, nem da cassette de Tanya Tucker que Ed tinha posto a tocar, eram indícios de que os seus pensamentos estavam noutra parte. Não era preciso uma mente tão metódica como a de Ed para perceber onde.

— Recebi o relatório do caso Borelli. — Ed ouvia Tanya lamentar-se de mentiras e de traição e estava satisfeito.

— Hum? Ah, sim, eu também recebi o meu.

— Parece que vamos ter alguns dias no tribunal no próximo mês. O promotor público deve conseguir a condenação rapidamente.

— É melhor que consiga. Nós esfalfámo-nos a trabalhar para recolhermos as provas.

O silêncio regressou como chuva fina. Ed cantarolou ao som de Tanya, cantou alguns versos do refrão, e voltou a cantarolar. — Soubes-

te da cozinha da Lowenstein? O marido dela inundou-a. O lixo transbordou outra vez.

— É o que acontece quando se deixa um contabilista mexer numa chave inglesa. — Ben baixou ligeiramente o vidro da janela para que o fumo pudesse sair quando acendeu um cigarro.

— É o décimo quinto — disse Ed brandamente. — Não vais conseguir chegar a lado nenhum se continuares enervado por causa da conferência de imprensa.

— Eu não estou enervado. Gosto de fumar. — Como prova disso, deu uma longa fumada no cigarro, mas resistiu a soprar o fumo em direção a Ed. — É um dos poucos grandes prazeres da humanidade.

— A par de apanhar uma bebedeira e de vomitar nos sapatos.

— Os meus sapatos estão limpos, Jackson. Mas eu lembro-me de alguém ter tombado como uma sequoia depois de ter emborcado quase dois litros de vodka com sumo de cenoura.

— Eu ia só dormir uma sesta.

— Pois, de cara no chão. Se eu não te tivesse apanhado, e quase ficado com uma hérnia por causa disso, terias partido esse teu grande nariz. Estás a sorrir porquê?

— Quando estás a reclamar, não estás a sentir pena de ti mesmo. Sabes, Ben, ela saiu-se muito bem.

— Quem disse o contrário? — Os dentes de Ben cravaram-se no filtro quando ele deu mais uma passa. — E quem é que disse que eu estava a pensar nela?

— Quem?

— A Tess.

— Eu não falei no nome dela. — Ed pisou no acelerador quando um semáforo ficou amarelo e passou por ele como um foguete no momento em que caía o vermelho.

— Não brinques comigo, e aquele semáforo estava vermelho.

— Amarelo.

— Estava vermelho, seu filho da mãe daltónico, e alguém devia tirar-te a carta de condução. Eu arrisco a vida cada vez que entro no mesmo carro que tu. Devia ter uma mala cheia de condecorações.

— Ela também estava bonita — comentou Ed. — Belas pernas.

— Andas com o cio. — Aumentou o aquecimento quando o vento que entrava pela fresta da janela começou a cortar como uma faca.

— Seja como for, ela parecia capaz de congelar um homem a vinte passos de distância.

— A roupa envia sinais. Autoridade, indecisão, autocontrolo. Parecia estar a querer transmitir uma postura de altiva autoridade. Parece-me que, ainda antes de abrir a boca, ela já tinha os jornalistas na mão.

— Alguém devia cancelar a tua assinatura da *Reader's Digest* — resmungou Ben. As grandes árvores antigas que ladeavam a estrada estavam no auge da sua cor. As folhas eram suaves ao toque e vibrantes em vermelhos, amarelos e laranjas. Mais uma semana e estariam secas, cobrindo os passeios e as sarjetas, produzindo sons ásperos e ocos quando arrastadas pelo asfalto. Ben deitou o cigarro fora pela fresta e fechou a janela.

— Ok, então ela safou-se bem. O problema é que a imprensa se vai alimentar disto durante dias. Os média têm muito jeito para chamar a atenção dos doidos. — Olhou para os velhos edifícios serenos por detrás das velhas árvores serenas. Eram o tipo de edifícios que combinavam com ela. O tipo que ele estava habituado a ver do exterior. — E, que diabo, ela tem realmente umas belas pernas.

— E também é inteligente. Um homem sabe certamente admirar a mente de uma mulher.

— O que sabes tu da mente das mulheres? A última com quem andaste tinha o QI de um ovo escalfado. E que porcaria é esta que estamos a ouvir?

Ed sorriu, satisfeito por ter o parceiro de volta aos eixos. — Tanya Tucker.

— Jesus. — Ben deslizou no banco e fechou os olhos.

— PARECE ESTAR A SENTIR-SE muito melhor hoje, Sra. Halderman.

— Oh, sinto-me melhor, sim. De facto, sinto. — A bonita mulher negra não estava deitada no sofá, nem sentada numa cadeira, mas quase dançava pelo gabinete de Tess. Atirou um casaco de zibelina para cima do braço de uma cadeira e fez uma pose. — O que acha do meu vestido novo?

— Assenta-lhe muito bem.

— É, não é? — A Sra. Halderman passou com uma mão pela lâ fina debruada a seda. — O vermelho é tão chamativo. Adoro que reparem em mim.

— Andou outra vez às compras, Sra. Halderman?

— Sim. — Ela sorriu largamente, mas logo de seguida desenhou um beicinho no bonito rosto de boneca de porcelana. — Oh, não fique chateada, Dra. Court. Eu sei que me disse que talvez fosse melhor eu manter-me afastada das lojas durante uns tempos. E foi o que fiz. Há quase uma semana que não ia à Neiman's.

— Não estou chateada, Sra. Halderman — disse ela, e viu o beicinho transformar-se noutra sorriso largo. — Tem um ótimo gosto para roupa. — O que era uma sorte, já que Ellen Halderman era obsessiva. Ela via, gostava, comprava, e muitas vezes punha a peça de parte e esquecia-a depois de a ter usado uma vez. Mas esse era um problema menor. A Sra. Halderman tinha exatamente o mesmo comportamento com os homens.

— Obrigada, doutora. — Como uma menina, girou num círculo para exhibir a roda da saia. — Diverti-me imenso com as compras. E a doutora teria sentido orgulho de mim. Só comprei dois conjuntos. Bem... três — corrigiu ela com uma risadinha. — Mas a roupa interior não devia contar, pois não? Depois descí para ir tomar café. Conhece aquele restaurante maravilhoso na Mazza Gallerie onde conseguimos ver as pessoas e as lojas em cima?

— Sim. — Tess estava sentada no canto da sua mesa. A Sra. Halderman olhou para ela e mordeu o lábio inferior; não por vergonha, nem por ansiedade, mas por felicidade contida. Depois dirigiu-se para uma cadeira e sentou-se decorosamente.

— Eu estava a tomar café. Tinha pensado pedir um pãozinho, mas se eu não tivesse cuidado com a linha, as roupas não seriam algo tão divertido. Estava um homem sentado na mesa ao meu lado. Oh, Dra. Court, eu soube assim que o vi. O meu coração disparou! — Colocou uma mão sobre o peito como se o batimento ainda não tivesse regressado ao normal. — Ele era tão atraente. Só alguns cabelos grisalhos aqui. — Levou os dedos indicadores às têmporas e os seus olhos iluminaram-se do modo sonhador que Tess já vira inúmeras vezes. — Ele estava bronzeado, como se tivesse estado a esquiar. Saint Moritz, pensei, porque ainda é demasiado cedo para Vermont. Tinha uma pasta de couro com as iniciais gravadas em monograma. Eu não parava de pensar a que nomes corresponderiam. M.W. — Ela suspirou e Tess teve a certeza que ela estava já a mudar o monograma das toalhas de banho. — Não calcula a quantidade de nomes que eu imaginei para encaixarem naquelas iniciais.

— E quais eram, afinal?

— Maxwell Witherspoon. Não é um nome maravilhoso?

— Muito distinto.

— Bom, foi exatamente isso que lhe disse!

— Então falou com ele.

— Bem, a minha carteira deslizou da mesa. — Pôs os dedos sobre os lábios como que para esconder um sorriso. — Uma mulher tem de ter um ou dois truques se quiser conhecer o homem certo.

— A senhora derrubou a carteira da mesa.

— E caiu mesmo junto do pé dele. Era a minha bonita carteira preta e branca de pele de cobra. O Maxwell baixou-se para a apanhar. Quando ma entregou, sorriu. O meu coração quase parou. Parecia um sonho. Eu não ouvia o barulho das outras mesas, não via as pessoas nos pisos acima de nós. Os nossos dedos tocaram-se e... oh, prometa-me que não se ri, doutora.

— Claro que não.

— Foi como se ele tivesse tocado a minha alma.

Era isso que ela tinha receado. Tess afastou-se da secretária para se ir sentar na cadeira em frente da paciente. — Sra. Halderman, recorda-se do Asanti?

— Esse? — A Sra. Halderman depreciou o quarto marido com uma fungadela.

— Quando o conheceu na galeria de arte, debaixo do quadro de Veneza que ele tinha pintado, também achou que ele lhe tinha tocado a alma.

— Isso foi diferente. O Asanti era italiano. Sabe como os italianos são hábeis com as mulheres.

Tess reprimiu um suspiro. Iam ser uns cinquenta minutos muito longos.

QUANDO BEN ENTROU NA SALA de recepção do consultório de Tess, encontrou exatamente o que esperara. Era tão elegante e sofisticado como o apartamento dela. Cores tranquilizadoras — rosas profundos, cinzentos fumados — que deixariam os seus pacientes descontraídos. Os fetos nos vasos junto das janelas tinham folhas húmidas, como se tivessem acabado de ser borrifadas com água. Flores frescas e uma coleção de bonecos de porcelana num armário envidraçado conferiam o ar de salinha e não de recepção. A partir da revista *Vogue* deixada aberta numa mesa de centro baixinha, ele concluiu que naquele momento em consulta estaria uma mulher.

O consultório não lhe lembrava o dos outros médicos, com paredes brancas e cheiro a couro. Ele não sentiu o aperto na barriga, nem o suor na parte posterior do pescoço, quando a porta se fechou atrás de si. Não ia ficar ali à espera do irmão, porque Josh já tinha partido.

A rececionista de Tess estava sentada a uma mesa envernizada, a trabalhar com um computador. Parou de digitar quando Ben e Ed entraram e parecia tão calma e descontraída como a sala. — Posso ajudá-los?

— Detetives Paris e Jackson.

— Ah, sim. A Dra. Court está à vossa espera. Ela está com uma paciente de momento. Se não se importarem de esperar, posso servir-vos um café.

— Só água quente. — Ed tirou uma saqueta de chá do bolso.

A secretária não mostrou sinal de reação. — Claro.

— És uma vergonha constante para mim — resmungou Ben ao entrar numa pequena sala lateral.

— Não vou meter cafeína no organismo só para ser socialmente aceitável. — Com a saqueta de ervas pendurada na mão, olhou em redor. — E que tal? Isto tem classe.

— Pois. — Ben deu mais uma olhadela em volta. — Combina com ela.

— Não sei qual é o teu problema — disse Ed com calma enquanto examinava uma gravura Monet, nascer do Sol sobre a água, todo em cores esbatidas com um toque de fogo. Ele gostava da imagem, como gostava de quase toda a arte, porque alguém tinha tido a imaginação e a habilidade de a criar. A sua visão sobre a raça humana era basicamente idêntica. — Uma mulher bonita e elegante com uma mente perspicaz não deveria intimidar um homem que tem uma forte perceção do seu próprio valor.

— Céus, devias ter uma coluna no jornal.

Nesse momento, a porta do gabinete de Tess abriu-se. A Sra. Halderman saiu com o casaco de zibelina pendurado num braço. Ao ver os homens, parou, sorriu e levou a língua ao lábio superior do modo como faria uma menina ao ver uma taça com gelado de chocolate. — Olá.

Ben enganchou os polegares nos bolsos. — Olá.

— Estão à espera da Dra. Court?

— Exatamente.

Ela deixou-se ficar onde estava por um instante, depois esbugalhou os olhos ao examinar Ed. — Ora, ora, você é grandinho, não é?

Ed engoliu em seco. — Sim, senhora.

— Eu fico fascinada com... homens grandes. — Aproximou-se dele, pestanejando exageradamente. — Fazem-me sempre sentir tão indefesa e feminina. Quanto mede, senhor...?

A sorrir largamente, com os polegares ainda enfiados nos bolsos, Ben encaminhou-se para a porta de Tess e deixou Ed entregue à sua sorte.

Ela estava sentada à secretária, cabeça para trás, olhos fechados. Tinha o cabelo preso outra vez, mas não parecia inacessível. *Cansada*, pensou ele, e não só fisicamente. Enquanto a observava, ela levou uma mão à têmpora e massajou o início de uma dor de cabeça.

— Parece estar a precisar de uma aspirina, doutora.

Tess abriu os olhos. Levantou de novo a cabeça, como se não considerasse aceitável descansar a não ser em privado. Embora fosse pequena, a secretária não a fazia parecer mais pequena. Parecia totalmente adequada à mesa e ao diploma emoldurado a preto atrás de si.

— Não gosto de tomar comprimidos.

— Só os prescreve?

Ela endireitou um pouco mais a cabeça. — Não estive à espera muito tempo, pois não? Preciso da minha pasta.

Quando ela começou a levantar-se, ele aproximou-se da mesa. — Ainda temos uns minutos. Dia difícil?

— Um pouco. E o seu?

— Não disparei sobre quase ninguém. — Ben pegou num pedaço de ametista que estava em cima da mesa e passou-o de mão em mão. — Quería dizer-lhe que se saiu bem hoje de manhã.

Ela pegou num lápis, passou-o por entre os dedos e depois pousou-o outra vez. Aparentemente, o confronto seguinte seria adiado. — Obrigada. Você também.

Ele empoleirou-se no canto da secretária e descobriu que era capaz de relaxar no consultório dela, independentemente de ela ser psiquiatra. Ali não existiam fantasmas, nem remorsos. — O que pensa das matinés de sábado?

— Tenho mente aberta.

Ele não conseguiu deixar de sorrir. — Já calculava. Vão exhibir uma série de filmes antigos do Vincent Price.

— *Máscaras de Cera*?

— *E A Mosca*. Interessada?

— Talvez estivesse. — Ela levantou-se então. A dor de cabeça era agora apenas um latejo, fácil de ignorar, numa têmpora. — Se incluísse pipocas.

— Inclui até uma pizza a seguir.

— Vendido.

— Tess. — Ben pousou uma mão no braço dela, embora ainda se sentisse intimidado com o formal fato cinzento que ela usava. — Sobre ontem à noite...

— Pensei que já nos tínhamos ambos desculpado por isso.

— Pois. — Ela já não parecia cansada, nem vulnerável, mas controlada. Intocada, intocável. Ele recuou, ainda com a ametista na mão. Tinha a cor dos olhos dela. — Alguma vez fez amor aqui?

Tess ergueu uma sobrancelha. Ela sabia que ele queria chocá-la, ou, no mínimo, irritá-la. — Informação privilegiada. — Pegou na pasta que estava atrás da mesa e encaminhou-se para a porta. — Vem?

Ele teve uma vontade súbita de enfiar a ametista no bolso. Contrariado, pousou-a cuidadosamente e seguiu-a.

Ed estava ao lado da mesa da rececionista, a beber chá. A sua cara estava quase tão vermelha como o cabelo.

— A Sra. Halderman — disse ela a Tess, dirigindo um olhar de compaixão a Ed. — Consegui despachá-la antes que o devorasse.

— Lamento imenso, Ed. — Mas os olhos de Tess brilhavam. — Gostaria de se sentar um minuto?

— Não. — Lançou um olhar de advertência ao parceiro. — Nem uma palavra, Paris.

— Eu, não. — Todo inocência, Ben dirigiu-se para a porta e abriu-a. Quando Ed saiu, Ben acompanhou-o. — Mas tu és grandinho, não és?

— Continua.

MONSENHOR TIMOTHY LOGAN NÃO CORRESPONDIA à imagem de padre que Ben formara na infância. Em vez de batina, usava um casaco de *tweed* sobre uma camisola de gola alta amarela-clara. Tinha o rosto largo de um irlandês e cabelo ruivo-escuro que estava a ficar salpicado de alguns cabelos brancos. O seu gabinete não era como o pacato silêncio de um presbitério, com as suas fragrâncias e velhas madeiras escuras de algum modo santificadas. Em vez disso, cheirava a tabaco de cachimbo e a pó, como o quarto de um homem comum.

Não havia gravuras de santos, nem do Salvador, nas paredes, nem es-

tátuas de cerâmica da Virgem com o seu rosto triste e compreensivo. Havia livros, dúzias e dúzias deles, alguns sobre teologia, outros sobre psiquiatria e vários sobre pesca. Em vez de um crucifixo, havia um achigã prateado pendurado na parede.

Num suporte repousava uma velha *Bíblia* de capa gravada; uma mais nova, embora mais usada, estava aberta em cima da mesa. Um rosário, com grandes contas de madeira, estava pousado ao seu lado.

— É um prazer conhecê-lo, monsenhor Logan. — Tess estendeu a mão num gesto de colega para colega que fez Ben sentir-se desconfortável. Vestido de *tweed*, ou não, o homem era padre e os padres deviam ser reverenciados, até mesmo um pouco temidos, e respeitados. Os representantes de Deus, lembrava-se ele de ouvir a mãe dizer. Tratavam dos sacramentos, perdoavam pecados e absolviam os moribundos.

Um fora ter com Josh já depois de ele ter morrido. Tinha havido palavras de conforto, de solidarização e de amabilidade para a família, mas não tinha havido absolvição. Suicídio. O mais mortal dos pecados mortais.

— Iguamente, Dra. Court. — Logan tinha uma voz potente e nítida que facilmente preencheria uma catedral. Contudo, havia uma ponta de rispidez que fez Ben lembrar-se de um árbitro de basebol a anunciar a terceira bola falhada. — Eu assisti à palestra que deu sobre demência. Não consegui falar consigo depois para lhe dizer que a achei fantástica.

— Obrigada. Monsenhor, estes são os detetives Paris e Jackson, são eles que estão à frente da equipa de investigação.

— Detetives.

Ben aceitou o aperto de mão e sentiu-se tolo por ter esperado, mesmo que por um instante, algo mais do que carne e sangue.

— Por favor, fiquem à vontade. — Fez sinal para que se sentassem nas cadeiras. — Tenho o seu perfil e o seu relatório na minha secretária, Dra. Court. — Contornou a mesa com os passos largos descontraídos de um homem num campo de golfe. — Li-os esta manhã e pareceram-me perturbadores e intuitivos.

— Concorda?

— Sim, com a informação do relatório dos investigadores, eu teria elaborado um perfil idêntico. Os aspetos religiosos são inegáveis. Claro que as alusões e as alucinações religiosas são comuns na esquizofrenia.

— Joana D'Arc ouvia vozes — murmurou Ben.

Logan sorriu e cruzou as mãos robustas e hábeis. — Como um gran-

de número de santos e mártires. Alguns dirão que jejuar durante quarenta dias é capaz de pôr qualquer pessoa a ouvir vozes. Outros dirão que eles foram escolhidos. Neste caso, podemos todos concordar que não estamos a lidar com um santo, mas com um homem muito perturbado.

— Quanto a isso, não há discussão — murmurou Ed, de bloco de anotações na mão. Ele lembrava-se de se ter sentido um pouco... bem, espiritual, depois de um jejum de três dias.

— Enquanto médico, e padre, vejo o ato do assassinato como um pecado contra Deus e como um ato de extrema aberração mental. Contudo, temos de lidar primeiro com a aberração mental para evitarmos que o pecado seja novamente cometido.

Logan abriu o dossier de Tess e deu-lhe umas pancadinhas com o dedo. — Aparentemente, os aspetos religiosos, e as alucinações, têm origem no catolicismo. Tenho de concordar com a sua opinião de que o uso do amicto enquanto arma do crime podia ser interpretado como um ataque contra a Igreja, ou um sinal de devoção.

Tess inclinou-se para diante. — Acha que ele pode ser, ou ter sido, padre? Talvez quisesse sê-lo?

— Penso que é muito provável que ele tenha tido formação. — Franzou lentamente o sobrolho. — Há outros artigos do traje de um padre que seriam igualmente eficazes para estrangulação. O amicto usa-se no pescoço e, por isso, é sinistramente adequado.

— E o uso do branco?

— Simboliza absolvição, salvação. — Inconscientemente, abriu as mãos de palmas para cima, no gesto antigo.

Tess anuiu com a cabeça. — Absolvição de um pecado. Contra ele próprio?

— Talvez. Mas um pecado que poderá ter resultado na morte, ou perda espiritual, da mulher que ele continua a salvar.

— Ele está a colocar-se no papel de Cristo? Como Salvador? — perguntou Ben. — E a atirar a primeira pedra?

Como era um homem ponderado e precavido, Logan recostou-se e esfregou o lóbulo da orelha. — Ele não se vê como Cristo, pelo menos não ainda. Na cabeça dele, é um servidor de Deus que reconhece a sua mortalidade, detetive. Ele toma precauções, protege-se. Ele entende que a sociedade não aceitaria a sua missão, mas segue uma autoridade maior.

— Vozes, uma vez mais. — Ben acendeu um cigarro.

— Vozes, visões. Para um esquizofrênico, são tão reais, por vezes ainda mais, do que o mundo real. Não se trata aqui de dupla personalidade, detetive, mas de uma doença, uma disfunção biológica. É possível que ele tenha a doença há anos.

— Os assassinatos começaram em agosto — disse Ben. — Averiguámos isso junto dos Departamentos de Homicídios de todo o país. Não houve mais assassinatos com este *modus operandi*. Tudo começou aqui.

O trabalho minucioso da polícia interessava a Logan, mas não o influenciava. — Talvez ele estivesse num período de recuperação e algum tipo de stress tenha desencadeado de novo os sintomas, dando origem à violência. Neste momento, ele está dividido entre o que é e o que parece ser. Ele vive em agonia e reza.

— E mata — disse Ben sem rodeios.

— Não espero compaixão. — Com os seus olhos escuros de padre e mãos capazes, Logan falava em voz baixa. — Esse é o meu território e o da Dra. Court, e não pode ser o seu por causa do envolvimento neste caso. Nenhum de nós quer que ele volte a matar, detetive Paris.

— Na sua opinião, ele não se vê como Cristo — interrompeu Ed enquanto continuava a fazer anotações metódicas. — Isso é simplesmente por ele tomar precauções? Cristo foi destruído fisicamente.

— Excelente ponto de vista. — A voz nítida assumiu uma robustez. Não havia nada de que gostasse mais do que ter um dos seus alunos a questionar as suas teorias. Logan olhou para um detetive, depois para o outro e decidiu que faziam um bom par. — Ainda assim, penso que ele se reconhece apenas como uma ferramenta. A religião, com a sua estrutura, as suas barreiras, as suas tradições, surge com maior predominância do que a teologia. Ele mata enquanto padre, quer o seja ou não. Ele absolve e perdoa enquanto representante de Deus — continuou, e viu Ben estremecer. — Não enquanto Filho de Deus. Eu desenvolvi uma teoria interessante que lhe escapou, Dra. Court.

Ela prestou atenção imediata. — Oh?

Ele voltou a sorrir, reconhecendo o orgulho profissional. — É bastante compreensível. Não é católica, pois não?

— Não.

— Também escapou à equipa de investigação.

— Sou metodista — acrescentou Ed, ainda a escrever.

— Não estou a tentar converter ninguém. — Monsenhor Logan pegou no cachimbo e começou a enchê-lo. Os seus dedos eram grossos e grandes, com as unhas cuidadosamente cortadas. Alguns flocos de tabaco caíram e agarraram-se à camisola de gola alta amarela. — A data do primeiro homicídio, quinze de agosto, é um dia sagrado para a Igreja.

— Dia da Assunção — murmurou Ben sem pensar.

— Sim. — Logan continuou a encher o cachimbo e sorriu.

Ben recordou-se de sempre responder bem na catequese.

— Eu já fui católico.

— Um problema comum — disse Logan e acendeu o cachimbo.

Nada de sermão e nada de olhar carrancudo pontifício. Ben relaxou os ombros. O seu cérebro começou a encaixar as peças. — Não relacionei as datas. Acha que é significativo?

Logan removeu meticulosamente o tabaco da camisola. — Podia ser.

— Desculpe, monsenhor. — Tess levantou as mãos. — Vai ter de explicar.

— Quinze de agosto é o dia que a Igreja reconhece como a assunção de Nossa Senhora aos céus. A Mãe de Deus era mortal, mas carregava o Salvador no seu ventre. Reverenciamo-la como a mais abençoada e pura das mulheres.

— Pura — murmurou Tess.

— Por si só, eu poderia não ter prestado grande atenção à data — continuou Logan. — Contudo, fiquei suficientemente intrigado para ir verificar o calendário litúrgico. O segundo assassinato ocorreu no dia em que celebramos o nascimento de Maria.

— Ele anda a escolher os dias em que ela, perdão, em que Maria é honrada pela Igreja? — Ed parou de escrever o tempo suficiente para levantar os olhos.

— O terceiro assassinato coincide com a festa de Nossa Senhora do Rosário. Acrescentei um calendário litúrgico ao seu dossier, Dra. Court. Não me parece que as probabilidades de três para três correspondam a mera coincidência.

— Não, concordo. — Tess levantou-se, ansiosa por vê-lo. Pegou no calendário e estudou as datas que Logan tinha sublinhado. Estava a anoitecer. Logan acendeu a luz e o feixe iluminou o papel que ela tinha nas mãos.

— A próxima data assinalada aqui é oito de dezembro.

— Dia da Imaculada Conceição. — Logan deu umas baforadas no cachimbo.

— Isso poria oito semanas de intervalo entre os homicídios — calculou Ed. — Ele nunca ultrapassou as quatro.

— E nós não podemos ter a certeza de que ele seja emocionalmente capaz de esperar tanto tempo — acrescentou Tess num murmúrio. — Ele podia alterar o padrão. Algum incidente poderia induzi-lo a tal. Ele poderia escolher uma data pessoalmente importante para si.

— A data de nascimento ou da morte de alguém importante para ele.

— Ben acendeu outro cigarro.

— Uma figura feminina. — Tess dobrou o calendário. — Uma figura feminina.

— Concordo que o stress a que ele está sujeito esteja a aumentar. — Logan pousou o cachimbo e inclinou-se para a frente. — A necessidade de libertação podia ser suficiente para o fazer atacar mais cedo.

— É provável que ele esteja a lidar com algum tipo de dor física. — Tess guardou o calendário na pasta. — Dores de cabeça, náuseas. Se se tornarem demasiado intensas para ele levar a sua vida normal...

— Exatamente. — Logan cruzou de novo as mãos. — Quem me dera poder ser de maior utilidade. Gostaria de voltar a discutir isto consigo, Dra. Court.

— Entretanto, temos um padrão. — Ben apagou o cigarro ao levantar-se. — Iremos concentrar-nos no dia oito de dezembro.

— É APENAS UMA MIGALHA — disse Ben quando saíram para o frio crepúsculo. — Mas estou pronto a pegar-lhe.

— Não me tinha dado conta de que você era católico. — Tess abotoou o casaco por causa do vento agreste. — Talvez isso seja uma vantagem.

— Já fui católico. E, por falar em migalhas, está com fome?

— Faminta.

— Ainda bem. — Colocou um braço em torno dela. — Então vencemos o Ed. Não está com vontade de comer iogurte e rebentos de alfalfa, pois não?

— Ah...

— O Ben vai querer parar para comer um hambúrguer gorduroso. O que este tipo põe dentro do organismo é repugnante.

— E se fosse comida chinesa? — Foi a melhor solução que lhe ocorreu enquanto entrava no carro. — Há um restaurantezinho fantástico perto do meu consultório.

— Eu disse-te que ela tinha classe — disse Ed quando se sentava no lugar do condutor. Prendeu o cinto de segurança e esperou, com a paciência dos sensatos e determinados, que Ben se sentasse. — A comida chinesa tem o respeito apropriado pelo sistema digestivo.

— Claro, atafulha-o de arroz. — Ben olhou por cima do ombro e viu Tess já estendida no banco traseiro a ler o dossier.

— Quero só verificar umas coisas.

— Alguma vez tratou um viciado em trabalho?

Ela deu uma olhadela no dossier e voltou a olhar para ele. — Acho que estou com um desejo súbito de comer iogurte.

— Tanya Tucker, não! — Ben premiu o botão para ejetar a cassette antes que pudesse começar a tocar a primeira canção. — Já desfrutaste dela hoje à tarde.

— Quem me dera.

— Degenerado. Vou pôr... oh, merda, olha para aquilo. A loja de bebidas alcoólicas.

Ed abrandou. — Parece que temos um cinco-zero-nove.

— Um quê? — Tess endireitou-se no banco de trás e tentou ver.

— Um assalto. — Ben estava já a desapertar o cinto. — Volte ao trabalho.

— Um assalto? Onde?

— Onde está um preto-e-branco? — resmungou Ben pegando no rádio. — Raios, eu só queria porco agre e doce.

— Veneno de porco. — Ed desapertou o próprio cinto.

Ben disse bruscamente para o rádio: — Unidade seis-zero. Temos um cinco-zero-nove em progresso no cruzamento da Terceira com a Douglas. Solicita-se unidades disponíveis. Temos uma civil no carro. Ah, raios, ele está a sair. Solicito reforços. O assaltante dirige-se para sul. Homem caucasiano, um metro e sessenta, cerca de oitenta quilos. Blusão preto, calças de ganga. — O rádio respondeu-lhe ruidosamente. — Sim, estamos no encaço dele.

Ed acelerou fundo e dobrou a esquina. No banco traseiro, Tess observava fascinada.

Tess viu o homem robusto de blusão preto sair da loja de bebidas alcoólicas e subir apressadamente a rua. Assim que ele virou a cabeça e viu o *Mustang*, desatou a correr.

— Merda, já nos viu. — Ben tirou a luz de emergência. — Segure-se bem, doutora.

— Vai entrar no beco — disse Ed com calma. Travou o carro, fazendo derrapar as rodas traseiras. Antes que Tess pudesse abrir a boca, os dois homens saíram do carro e desataram a correr.

— Não saia do carro! — gritou-lhe Ben.

Ela deu-lhe ouvidos cerca de dez segundos. Depois saiu do carro, bateu com a porta e correu também para a entrada do beco.

Ed era maior, mas Ben era mais rápido. Enquanto ela observava, o homem que eles perseguiam enfiou a mão no blusão. Tess viu a arma e só teve um instante para se imobilizar antes que Ben o agarrasse pelos joelhos e o atirasse para cima de uma série de caixotes de lixo. Ouviu-se um tiro entre o ruído do metal. Ela tinha percorrido metade do beco quando Ben puxou o homem e o levantou. Havia sangue, e o odor a comida podre dos caixotes de metal que eram regularmente esvaziados, mas raramente limpos. O homem não ofereceu resistência, provavelmente porque viu Ed e o distintivo da polícia na sua mão. Cuspiu saliva ensanguentada.

Não era como na televisão, pensou Tess enquanto olhava para o homem que teria atirado à cara de Ben se o *timing* tivesse sido um pouco diferente. Nem era como num romance. Não era sequer como no noticiário das onze, onde todos os pormenores eram resumidos com rápida indiferença. A vida estava cheia de becos fedorentos e de cuspo. A sua formação e trabalho tinham-lhe já mostrado isso, mas apenas emocionalmente.

Tess respirou fundo, aliviada por não estar assustada, apenas curiosa. E talvez um pouco fascinada.

Com dois puxões, Ben tinha as mãos do assaltante algemadas atrás das costas. — Não tens esperteza suficiente para saber que não deves disparar contra um agente policial?

— Tens graxa nas calças — disse Ed de arma em punho.

Ben olhou para baixo e viu a longa nódoa que se estendia do tornozelo ao joelho. — Raios! Eu sou do Departamento de Homicídios, idiota — disse ele na cara do prisioneiro. — Não gosto de graxa nas calças. Na verdade, ter graxa nas calças deixa-me furo da vida! — Enojado, Ben passou-o a Ed enquanto tirava o distintivo do bolso. — Estás preso, imbecil. Tens o direito de permanecer em silêncio. Tens... Tess, que diabo, não lhe disse para ficar no carro?!

— Ele tinha uma arma.

— Os maus da fita têm sempre armas. — Enquanto olhava para ela, envolta num casaco de caxemira azul, sentiu o cheiro do suor do reles ladrão. Ela parecia que ia a caminho de um cocktail em Embassy Row. — Volte para o carro, o seu lugar não é aqui.

Ignorando-o, ela observou com atenção o assaltante. Tinha um arranhão considerável na testa, no sítio onde roçara no betão. Isso explicava a expressão ligeiramente confusa. Concussão leve. A pele e o branco dos olhos tinham uma tonalidade amarelada. Ele tinha suor no rosto, embora o vento cortante que soprava no beco lhe fizesse inchar o blusão. — Parece que ele é capaz de ter hepatite.

— Vai ter muito tempo para recuperar. — Ben ouviu as sirenes e olhou por cima do ombro dela. — Aí vem a cavalaria. Vamos deixar os agentes uniformizados lerem-lhe os direitos.

Quando Ben lhe segurou no braço, Tess abanou a cabeça. — Você ia a correr atrás dele e ele tinha uma arma.

— E eu também — salientou Ben, enquanto a puxava para fora do beco. Mostrou o distintivo aos agentes uniformizados antes de prosseguir para o carro.

— Não a tinha a postos. Ele ia matá-lo.

— É isso que fazem os maus da fita. Cometem o crime, nós perseguimo-los e eles tentam fugir.

— Não aja como se isto fosse um jogo.

— É tudo um jogo.

— Ele ia matá-lo e você ficou furioso porque as calças se sujaram.

Lembrando-se, Ben olhou novamente para baixo. — O departamento também vai receber a conta. A graxa nunca sai.

— Você é doido.

— Isso é uma opinião profissional?

Devia haver um bom motivo para ela estar com vontade de rir. Tess decidiu analisar isso mais tarde. — Estou a elaborar uma.

— Demore o tempo que quiser. — A adrenalina da detenção ainda estava a correr no sangue de Ben. Ao chegar ao carro, viu que tinham um reforço de três carros-patrolha para um ladrão de meia-tigela com hepatite. Talvez fossem todos doidos. — Vá, sente-se aqui enquanto eu ponho os agentes a par da situação.

— A sua boca está a sangrar.

— Sim? — Ben limpou a boca com o dorso da mão e olhou para a mancha de sangue. — Pois. Talvez precise de um médico.

Ela tirou um lenço de papel do bolso e limpou o corte. — Talvez precise.

Atrás deles, o homem que tinham detido começou a praguejar e já se tinha aglomerado uma multidão em volta.